

GOZONO DE SONO DE SONO DE STADO DE GOIÁS DE SONO D

PARA USO DOS CORREIOS			
MUDOU-SE	FALECIDO		
DESCONHECIDO	AUSENTE		
☐ RECUSADA	☐ NÃO PROCURADO		
☐ NÃO EXISTE O NÚMERO INDICADO	END. INSUFICIENTE		

Goiás Industrial traz nesta edição encarte especial sobre o Dia de Luto por Goiás



EMPRESÁRIOS E TRABALHADORES DE

O enterro dos investimentos e empregos

Este é um alerta ao Governo do Estado sobre o que seu novo projeto de Lei pode desencadear no setor produtivo goiano, afetando trabalhadores e empresários. Equivocadamente, a Secretaria da Economia não só insiste na prorrogação por prazo indeterminado do aumento para 15% da contribuição ao Fundo de Proteção Social do Estado de Goiás (Protege), como ainda decidiu incluir uma contribuição adicional de 1,5% a ser cobrada das indústrias beneficiadas pelos programas Produzir e Fomentar. Serão danos irreversíveis. Um verdadeiro ataque às políticas de atração de investimentos que fizeram a economia goiana deslanchar nas últimas décadas, elevando-a à posição de nono maior Produto Interno Bruto (PIB) entre todos os Estados brasileiros. Do ápice ao luto, Goiás está prestes a presenciar o fim de investimentos e de milhares de empregos no setor produtivo.





Wildes Barbosa

PROTESTO REÚNE MILHARES DE TRABALHADORES E EMPRESÁRIOS NA ASSEMBLEIA E NO GOVERNO

Luciana Amorim

estidos de preto, em sinal de luto, mais de 2 mil pessoas, entre trabalhadores e empresários, protestaram quarta-feira (11/12), em Goiânia, contra dois projetos de forte impacto no setor produtivo enviados pelo governo do Estado à Assembleia Legislativa: a criação de um novo programa de incentivos fiscais, o Pró-Goiás, e a prorrogação do Protege, programa que institui cobrança de 15% sobre incentivos concedidos às empresas. No primeiro caso, se o projeto for aprovado, a

estratégia do setor empresarial é não aderir ao novo programa. Já a prorrogação do Protege deve ser alvo de ações na Justiça.

Puxando o "Dia de Luto por Goiás", caravanas chegaram no início da tarde de vários municípios do interior, principalmente dos municípios goianos que são polos industriais, e concentraram-se em frente à Assembleia Legislativa, de onde partiram em direção ao Palácio Pedro Ludovico Teixeira. Mais de 30 indústrias também colocaram faixas pretas em placas

do Produzir e Fomentar instaladas na entrada de suas fábricas em protesto contra as medidas propostas pelo governo de Goiás. Essa inédita manifestação em Goiânia, reunindo empresários e trabalhadores, evidencia a frustração do setor produtivo com os projetos de lei que reduzem incentivos fiscais no Estado, afetando a competitividade, níveis de investimento e geração de empregos em Goiás.

Fotos: Adair Batista



A questão da prorrogação do Protege é uma quebra de acordo feito com o setor produtivo para ajudar o atual governo do Estado. É impossível para as indústrias absorverem esse custo maior por mais tempo. Elas têm também de pagar financiamentos, salários, impostos e realizar novos investimentos."

SANDRO MABEL, presidente da Fieg, em conversa com deputados na Assembleia Legislativa, ao lado do presidente da Adial Goiás, Otávio Lage Filho



PATRÃO E EMPREGADO JUNTOS

O governador, no começo do ano, juntou alguns empresários e fez o acordo de aumentar em 15% a alíquota do Protege e depois diminuir, gradativamente, 1% até chegar a 9%. Agora chega o final do ano, o governador fala que não tinha esse acordo com os nossos patrões. E os trabalhadores estão com medo, mais uma vez, de perder seus empregos. Nós mobilizamos todo o Estado: Catalão, Anápolis, Itumbiara, Rio Verde, Goianésia, a própria capital. Nós trouxemos mais de 2 mil pessoas aqui hoje. Pela primeira vez, temos patrão e funcionários juntos em prol dos empregos em Goiás."

REGINALDO JOSÉ DE FARIA, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Anápolis (Sindmetana)



INDÚSTRIA NA UTI

O que nós temos em mente é que o atual governo não pode jogar a culpa de o Estado estar falido justamente nas costas daqueles que têm mais lutado por Goiás, que são as indústrias, que são os trabalhadores. Ele está jogando a culpa naqueles que teriam condições de ajudar o Estado. Nós entendemos que a indústria já está na UTI, já sofrendo há muitos anos, com altas taxas, altos encargos e, com mais essa decisão do governo, é possível que as indústrias do Estado de Goiás ou fechem as portas, ou migrem para outras regiões."

LUCIANO HENRIQUE CAVALCANTI, analista de logística da Laticínios Bela Vista



DEMISSÕES EM CATALÃO

Estamos aqui lutando contra a retirada dos incentivos fiscais. As empresas estão demitindo, ameaçando ir embora de Goiás. Lá em Catalão, a Mitsubishi já teve mais de 200 demissões. Agora, há 15 dias atrás, a John Deere demitiu 50 trabalhadores e tem uma lista de mais 70 trabalhadores. Em Rio Verde, a Brasilatas já fechou duas linhas de produção e está programando ir embora no meio do ano que vem."

JEAN CARLO, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de Catalão (Simecat)



CHÃO DE FÁBRICA

Esse movimento está sendo importante porque vem fortalecer o trabalhador chão de fábrica, fortalecer a classe de trabalhadores. Nós levantamos para trabalhar todos os dias, sem saber se ao final do trabalhado ainda teremos o nosso emprego. Governador, precisamos das nossas indústrias no nosso Estado, precisamos do nosso trabalho."

RENILSON DOS SANTOS, trabalhador da área de produção da Mitsubishi Catalão



MEDIDA DURA

Essa prorrogação do Protege é uma situação que nos aflige muito, tanto as empresas que tiram 15% da sua participação, quanto para os trabalhadores, que têm tudo a perder, ainda mais num momento desse que estão com data-base marcada. Essa é uma medida muito dura, o governo tem que se sensibilizar e dar um tempo nisso. Nós precisamos de empreaos."

PEDRO LUIZ VICZNEVSKI, presidente da Federação dos Trabalhadores na Indústria nos Estados de GO/TO/DF (Ftieg)

MEDIDAS DO GOVERNO INTERROMPEM CICLO DE DESENVOLVIMENTO

Se aprovada a nova política proposta pelo Governo, Goiás vai perder seu lugar como nona economia do País. Mais que isso, perderá a expectativa de futuro para trabalhares e empresários, com o fechamento de indústrias, desemprego e sem a chegada de novas empresas. De um Estado rico, Goiás será mais pobre e menos competitivo.

- T Aproximadamente 50 mil trabalhadores serão demitidos.
- Indústrias que não têm relação com a vocação do Estado, como a farmacêutica e a automotiva, irão embora.
- Várias indústrias estão suspendendo os investimentos de expansão dos próximos anos no Estado.
- Nenhuma nova grande empresa virá para Goiás sem segurança jurídica oferecida pelo Governo.
- Uma CPI foi criada para amedrontar e ameaçar aqueles que aceitaram o desafio de investir em Goiás.

COM A MORTE DA INDÚSTRIA, GOIÁS AFASTA:



- T novos investimentos
- $ar{\mathbb{T}}$ novos empregos
- T mais qualificação
- T maior consumo, maior renda e melhor qualidade de vida para os goianos



ENTREVISTA

Depois de se ocupar no desenho de estratégias para três setores fundamentais no setor industrial - grãos, minérios e moda -, Sandro Mabel e sua equipe passam a dedicar atenção e esforços para consolidar todos esses projetos ao longo de 2020

SESI/SENAI/IEL

EXPANSÃO DOS SERVIÇOS EM MEIO À ESTÁGNAÇÃO NA ECONOMIA

COMÉRCIO INTERNACIONAL

ACORDOS **COMERCIAIS TRAZEM OPORTUNIDADES E** RISCOS TAMBÉM

Mala Direta Básica

9912352020/2014-DR/GO **FIEG**



☐ FALECIDO

■ AUSENTE

☐ NÃO PROCURADO



REVISTA DO SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE GOIÁS



AO DEFINIR TRÊS PILARES PARA SUA ATUAÇÃO NO COMANDO DA FIEG, A NOVA DIREÇÃO DA ENTIDADE SUGERE NOVOS RUMOS PARA O SETOR INDUSTRIAL E DEFENDE REGIME TRIBUTÁRIO ESPECIAL PARA ESTIMULAR A VERTICALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DE GRÃOS E MINÉRIOS, **ENQUANTO DESENVOLVE UM** POLO DE VESTUÁRIO, CALCADOS E COSMÉTICOS

Sandro Mabe comemora primeiro ano à frente da Fieg e assume Conselho da Mineração da CNI



A INDÚSTRIA

PELO FUTURO D



TRANSFORMA A VIDA DOS TRABALHADORES E DAS EMPRESAS. Benefícios e diferenciais da Ginástica Laboral do SESI:

- Atendimento customizado;
- Metodologia reconhecida;
- Favorece a empresa em causas trabalhistas;
- Melhora a qualidade de vida dos colaboradores;
- Ajuda na redução de afastamentos.

Goiânia: **4002 6213**

Demais localidades: **0800 642 1313**

www.sesigo.org.br





Gojás Industria

N° 291 / DEZEMBRO 2019

OPINIÃO

/ Comunicar para Encantar e Avancar - Gerente da Ascom-Fieg, Sandra Tokarski Persijn conduz mudancas na comunicação da federação, incorporando avanços significativos no desafio de mostrar à sociedade trabalho de relevância para a indústria e para a comunidade.

/ **Economia circular em Goiás** - Bruno Beraldi, presidente do Conselho Temático de Meio Ambiente da Fieg (CTMA) e do Simplago, fala sobre medidas para incentivar o tratamento correto de resíduos sólidos e destaca o programa Tampinha Leaal, lancado em Goiás em setembro.

/ **A favor da recuperação** - Em tese, lembra o superintendente da Fieg, João Carlos Gouveia, ações dos representantes dos Três Poderes "deveriam servir para acelerar, e não travar, o crescimento das indústrias". Mas, em Goiás, a "produção industrial está sendo ameaçada pela insegurança jurídica aue se instalou nos últimos meses".

/ O desafio 4.0 - Na visão do consultor Marcelo Camorim, "o Brasil, com sua peauena cultura e tradicão de pesquisa e inovação, está perdido neste cenário tecnológico avancado"

/ **A 4ª Revolução Industrial** - Para as empresas brasileiras, não há muita opção, alerta Werter Padilha, coordenador de internet das coisas da Associação Brasileira das Empresas de Software (Abes): é primordial investir na modernização da gestão, dos processos produtivos e até, se preciso, nas formas de servir o cafezinho.

COORDENAÇÃO TÉCNICA

/ A Coordenação Técnica da Fieg, agora sob a batuta de Alessander de Araújo Sousa, vai passar por uma reestruturação que

como grande geradora de dados, análises e informações aprofundadas para a indústria e para a sociedade





CAPA

/ Na briga para preservar os incentivos e evitar a desindustrialização em Goiás, a gestão instalada há um ano no comando da Fieg definiu três linhas mestras de acão para estimular a verticalização da produção de grãos e de minérios e para transformar o Estado em polo de referência nos setores de vestuário, calçados, acessórios e cosméticos

ENTREVISTA

/ Se 2019 foi um ano de estruturar projetos focados na indústria de grãos, da mineração e da moda, 2020 será dedicado à consolidação dessas ações, adianta, em entrevista à Goiás Industrial, o presidente da Fieg, Sandro Mabel, que completa seu primeiro ano à frente da entidade.

QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

/ Senai conquista pelo 12º ano consecutivo a posição de líder absoluto em sua área no Pop List, estudo de mercado produzido pelo jornal O Popular e Ibope



SESIE SENAI

/ As instituições do Sistema Fieg ampliaram sua presença para 104 municípios, incluindo 92 em Goiás, onde mais de 9.0 mil empresas foram atendidas em 2019, atingindo 120,5 mil matrículas

IEL

/ Perto de completar 50 anos de servicos prestados à economia, o Instituto Euvaldo Lodi concluiu 2019 com crescimento de 15% na geração de receitas, superando em duas vezes o planejado para o período

MINERAÇÃO

/ O presidente da Fieg, Sandro Mabel, assumiu o Conselho Temático de Mineração (Comin), recém instalado pela CNI com a missão de contribuir com diagnósticos e propostas para a mineração, um dos setores mais importantes da economia nacional e um dos três pilares de sua gestão à frente da federação.



PARCERIA

/ Como resultado da parceria entre Senai e Enel Distribuição Goiás, entra em operação a sala de realidade virtual para treinamento de pessoal para o setor elétrico, instalada no Instituto Senai de Tecnologia em Automação, em Goiânia

COMÉRCIO INTERNACIONAL

/ A conclusão do acordo entre União Europeia e Mercosul pode abrir oportunidades de negócios, mas disparidades entre as economias dos dois blocos significam também riscos, como mostram os debates durante o 7º Encontro Internacional de Comércio Exterior.

SISTEMA INDÚSTRIA



SISTEMA FIEG

Federação das Indústrias do Estado de Goiás Presidente: Sandro Mabel

Superintendente: João Carlos Gouveia

SESI

Serviço Social da Indústria Diretor Regional: Sandro Mabel Superintendente: Paulo Vargas

SENAI

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial Presidente do Conselho Regional: Sandro Mabel Diretor Regional: Paulo Vargas

IEL

Instituto Euvaldo Lodi Diretor: Hélio Naves

Superintendente: Humberto Oliveira

ICO BRASIL

Instituto de Certificação
Qualidade Brasil
Diretora: Sônia Rezende (interina)
Superintendente: Almir Blesio (interino)

DIRETORIA DA FIEG (2019-2022)

Presidente: Sandro Mabel

1° Vice Presidente: André Luiz B. Lins Rocha

2º Vice Presidente: Flávio Santana Rassi

3º Vice Presidente:
Antônio de Sousa Almeida

Antônio de Sousa Almeid

1º Diretor Secretário:

Célio Eustáquio de Moura

2º Diretor Secretário: Jerry Alexandre de Oliveira Paula

1º Diretor Financeiro: Heribaldo Egídio da Silva

2º Diretor Financeiro: José Divino Arruda

Presidente da Fieg Regional Anápolis: Wilson de Oliveira

Diretores

Alyson José Nogueira Anastácios Apostolos Dagios Bruno Franco Beraldi Domingos Sávio Gomes de Oliveira Edilson Borges de Sousa Eduardo Bilemjian Filho Eliton Rodrigues Fernandes Elvis Roberson Pinto Emílio Carlos Bittar

Enoque Pimentel do Nascimento Gilberto Martins da Costa Heitor de Oliveira Nato Neto

Hélio Naves Jair José de Alcântara Jair Rizzi Jaques Jamil Silvério

Joaquim Guilherme Barbosa de Souza Iosé Antônio Vitti

José Luiz Martins Abuli Laerte Simão

Leandro Luiz Stival Ferreira Marcelo de Freitas Barbosa Marcos André Rodrigues de Siqueira Olavo Martins Barros Otávio Lage de Siqueira Filho Robson Peixoto Braga

Sérgio Scodro Wilson de Oliveira

Conselho fiscal

Joaquim Guilherme Barbosa de Sousa Roberto Elias Fernandes Otávio Lage de Siqueira Filho

Conselho de representantes junto à CNI

Sandro Mabel Paulo Afonso Ferreira

Conselho de Representantes iunto à Fiea

Abílio Pereira Soares Júnior
Ailton Aires Mesquita
Alcides Augusto da Fonseca
Alexandre Baldy de Sant'anna Braga
Álvaro Otávio Dantas Maia
Alyson José Nogueira
Anastácios Apostolos Dagios
André Lavor Pagels Barbosa
André Luiz Baptista Lins Rocha
Antônio Alves de Deus
Antônio Benedito dos Santos
Bruno Franco Beraldi Coelho
Carlos Alberto Vieira Soares

Carlos Roberto Viana Célio Eustáquio de Moura

Daniel Viana

Domingos Sávio G. de Oliveira Edilson Borges de Sousa Eduardo Bilemjian Filho Eliton Rodrigues Fernandes

Elvis Roberson Pinto Emílio Carlos Bittar

Enoque Pimentel do Nascimento Eurípedes Felizardo Nunes

Fábio Rassi

Flávio Santana Rassi Gilberto Martins da Costa Heitor de Oliveira Nato Neto

Hélio Naves
Heribaldo Egídio
Ian Moreira Silva
Jaime Canedo

Jair José de Alcântara Jair Rizzi

Jaques Jamil Silvério Jerônimo David de Sousa Jerry Alexandre de Oliveira Paula

João Essado José Antônio Vitti José Carlos Garrote de Sousa José Divino Arruda José Lima Aleixo José Luiz Martin Abuli Iosé Nivaldo de Oliveira

Laerte Simão Leopoldo Moreira Neto

Lúcio Monteiro dos Santos Luiz Antônio Gonçalves Fidelis Luiz Gonzaga de Almeida Luzia de Cássia Alencar Siqueira Marcelo de Freitas Barbosa Marcelo José Carneiro Marcos André R. de Siqueira

Marley Antônio Rocha Olavo Martins Barros Osnei Valadão Marques Otávio Lage de Siqueira Filho Paulo Lobo de Araújo Júnior Pedro de Souza Cunha Júnior Plínio Boechat Lopes

Robson Peixoto Braga Rodolfo Luiz Xavier Virgílio

Sandro Mabel Valdenício Rodrigues de Andrade Wilson de Oliveira

CONSELHOS TEMÁTICOS

Conselho Temático de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação

Presidente: Heribaldo Egídio

Conselho Temático de Meio Ambiente

Presidente: Bruno Beraldi

Conselho Temático de Infraestrutura Presidente: Célio Eustáquio de Moura

Conselho Temático de Relações do Trabalho

Presidente: Marley Antônio da Rocha

Conselho Temático de Micro e Pequena Empresa Presidente: Jaime Canedo

Conselho Temático de Responsabilidade Social

Presidente:

Antônio de Sousa Almeida

Conselho Temático de Agronegócios

Presidente: Alfredo Luiz Correia

Conselho Temático de Comércio Exterior e Negócios Internacionais

Presidente: Emílio Bittar

Conselho Temático Fieg Jovem Presidente: Thais Aparecida Santos

Câmara Setorial de Mineração Presidente: Wilson Borges

Câmara Setorial da Indústria da Construcão

Presidente: Sarkis Nabi Curi

Câmara Setorial de Alimentos e Bebidas (Casa)

Presidente:André Lavor P. Barbosa

ATTUTE CAVOT P. Dalbus

Rede Metrológica

Presidente: Melquiades da Cunha Neto

Comitê da Indústria de Defesa e Segurança de Goiás (Comdefesa) Presidente: Anastácios Apostolos Dagios

Câmara Setorial da Moda Presidente: José Divino Arruda

EXPEDIENTE



Direção e Coordenação de

jornalismo Sandra Persijn

Sandra Persiji **Edição**

Lauro Veiga Filho e Dehovan Lima

Renortagem

Andelaide Lima, Sérgio Lessa, Daniela Ribeiro, Luciana Amorim, Tatiana Reis e Renata Santos Colaboração Januária Guedes Cordeiro

Fotografia

Alex Malheiros

Projeto gráfico Jorge Del Bianco

Capa, ilustrações e diagramação Jorge Del Bianco DC Design Gráfico e Comunicação Impressão Gráfica Kelos

Departamento Comercial (62) 3219-1710

Redação e correspondência

Av. Araguaia, nº 1.544,Ed. Albano Franco, Casa da Indústria - Vila Nova CEP 74645-070 - Goiânia-GO Fone (62) 3219-1300 - Fax (62) 3279-7975 Home page: www.sistemafieg.org.br E-mail: ascom@sistemafieg.org.br

As opiniões contidas em artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista





Comunicar para Encantar e Avançar

Nosso desafio é mostrar à sociedade todo esse trabalho, fazendo uma prestação de contas de um esforço que muitas vezes é confundido com serviço público, mas que não tem sequer contrapartida do poder público, salvo alguns convênios e parcerias."

SANDRA TOKARSKI PERSIJN, gerente da Assessoria de Comunicação do Sistema Fieg

não foi um ano fácil para o Sistema Indústria, mas foi um ano bastante significativo. Eu diria até que um divisor de águas nesse processo de mudança cultural que vivenciamos, de olho na sustentabilidade do Sistema diante das ameaças de corte dos recursos constitucionais que o mantêm e da própria necessidade de nos reinventarmos como instituição.

Inovar é a palavra de ordem, pois precisamos fazer mais e melhor com os recursos disponíveis e gerar fontes de receita alternativas para que o trabalho de educação, formação e qualificação profissional e de saúde do trabalhador que historicamente desenvolvemos não seja interrompido, nem tampouco perca a qualidade. Temos que "Encantar para Avançar"! E nesse processo, a comunicação e o marketing se fazem fundamentais.

A nosso favor, temos ainda um presidente que busca parcerias, que transita fácil por todas as esferas de poder graças ao prestígio adquirido em anos de vida pública e empresarial, ao mesmo tempo em que se posiciona e defende os interesses não apenas do setor industrial, mas de toda a cadeia produtiva industrial do Estado, responsável por grande parte da economia de Goiás. Sandro Mabel tem atuado fortemente na luta pelos incentivos fiscais como fato gerador de atratividade de mais indústrias para Goiás e na segurança jurídica para as indústrias que aqui já se encontram. Ele tem ocupado todos os espaços para alertar sobre os riscos de uma "desindustrialização" do Estado. Igualmente, tem se empenhado em mostrar ao ministro da Economia os riscos de um corte nos investimentos destinados à educação, formação e qualificação profissional de milhares de jovens e adolescentes, além da recolocação de milhares de trabalhadores no mercado de trabalho pela qualificação, trabalhando na inclusão de deficientes físicos, mulheres agredidas, ex-presidiários e pessoas em vulnerabilidade social.

Nosso desafio é mostrar à sociedade todo esse trabalho, fazendo uma prestação de contas de um esforço que muitas vezes é confundido com serviço público, mas que não tem sequer contrapartida do poder público, salvo alguns convênios e parcerias.

Com esse objetivo, fortalecemos nossa comunicação alterando a programação da TV Indústria, que agora conta exclusivamente com notícias da própria Federação; implantamos o FiegCast, um podcast com informações diárias da Fieg, do Sesi, Senai, IEL e ICQ Brasil que diariamente chega ao celular dos nossos acionistas, colaboradores e imprensa; criamos a revista digital Goiás Industrial Pauta Extra, trazendo os destaques da semana e fortalecemos a consagrada Goiás Industrial nos formatos digital e impresso, que agora traz análise das principais notícias do Sistema Indústria goiano.

Por entender que temos produtos que são a maior vitrine de tudo o que o Sistema Fieg faz e oferece ao trabalhador da indústria, ao industrial e ao desenvolvimento do Estado de Goiás, passamos a veicular tanto na Goiás Industrial quanto na Pauta Extra anúncios dos serviços, produtos, resultados e de tudo o que o Sistema Fieg oferece e entrega, para que a sociedade passe a entender quem somos e o que fazemos.

Temos grandes desafios pela frente. Precisamos comunicar a toda a sociedade esse orgulho que temos, como Sistema Indústria, de transformar vidas, de proporcionar oportunidades e de ajudar a construir um Estado cada vez melhor. ◆



A Economia Circular em Goiás

Quem doa tampinhas plásticas pode não ter a dimensão exata do quanto essa ação é importante. Toda a comunidade pode se envolver de diversas formas, a começar pelo recolhimento do material que é entregue em nossos pontos de coleta. Há uma mobilização da sociedade em fazer o bem, que reflete no aumento da qualidade de vida de todos."

BRUNO BERALDI, presidente do Conselho Temático de Meio Ambiente da Fieg (CTMA) e do Simplago

correto tratamento dos resíduos sólidos é um grande desafio não só para as indústrias, mas também para a sociedade em geral. O tema tem sido motivo de questionamentos frequentes, embora ações que garantam efetividade na destinação adequada dos resíduos pós-consumo sejam ainda poucas ou talvez não supram a demanda.

Costumo dizer que, para alcançarmos o sucesso na destinação adequada dos resíduos pós-consumo, precisamos "ligar os pontos" e conectar todos os elos: indústrias, escolas, comércio, poder público, cooperativas de reciclagem, empresas recolhedoras de resíduos, recicladores e, principalmente, a população, que tem vontade de fazer a segregação de seus resíduos, mas ainda tem muitas dúvidas ou dificuldades para fazer isso de maneira efetiva.

Pensando nessa questão, o Conselho Temático de Meio Ambiente da Fieg (CTMA) tem trabalhado para buscar e apoiar iniciativas que tragam inovação e

resultados efetivos, principalmente as que engajem a população, de forma a apoiar a mudança cultural necessária. Em conjunto com o Simplago, trouxemos para Goiânia o Tampinha Legal, maior programa socioambiental de caráter educativo de iniciativa da indústria de transformação do plástico na América Latina. Além de aumentar os níveis de esclarecimento quanto à destinação adequada dos resíduos plásticos, proporciona sustentabilidade econômica para as entidades assistenciais cadastradas.

Quem doa tampinhas plásticas pode não ter a dimensão exata do quanto essa ação é importante. Toda a comunidade pode se envolver de diversas formas, a começar pelo recolhimento do material que é entregue em nossos pontos de coleta. Há uma mobilização da sociedade em fazer o bem, que reflete no aumento da qualidade de vida de todos.

Já foram entregues mais de 300 to-

neladas de tampinhas, representando um valor superior a R\$ 500 mil. Atualmente, são mais de 400 entidades assistenciais aprovadas. O Tampinha Legal está presente nos Estados do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, São Paulo, Alagoas, do Pernambuco, de Brasília e Goiás. Além do site oficial www.tampinhalegal.com.br, também é possível acompanhar o trabalho do Tampinha Legal por redes sociais, como Instagram, YouTube e Facebook.

O lançamento do programa em Goiás ocorreu no dia 12 de setembro com as primeiras entregas efetuadas pelas entidades Centro de Orientação, Reabilitação e Assistência ao Encefalopata (Corae), Associação Down de Goiás (Asdown-GO) e Centro de Educação Infantil Nossa Senhora de Nazaré, que totalizaram mais de 360 quilos de tampinhas plásticas. ◆



A favor da recuperação econômica



Em Goiás, a produção industrial está sendo ameaçada pela insegurança jurídica que se instalou nos últimos meses. A perseguição aos incentivos fiscais tem deixado empresários cautelosos no planejamento de suas atividades."

JOÃO CARLOS GOUVEIA, superintendente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg)

ara que a indústria se desenvolva, as diversas áreas do Estado devem acompanhar sua evolução, necessitando criar condições favoráveis para a atração de negócios, tendo estratégias claras que conduzam ao desenvolvimento. Existem áreas da política pública que necessitam atenção total dos representantes do Estado, que irão garantir a viabilidade de instalação e suprimentos das indústrias, a exemplo da saúde, educação, habitação, segurança, do saneamento, suprimento de energia e logística. Isso levará o Estado, por meio das Indústrias, a buscar sempre um melhor posicionamento nos mercados nacionais e internacionais.

O setor industrial de Goiás experimentou outrora um crescimento em decorrência de alguns fatores, como localização do Estado, política de incentivos e benefícios fiscais e a segurança jurídica que o Estado sempre proporcionou aos investidores. Esses fatores contribuíram na atração de diversos investimentos, ocasionando impactos significativos em termos de emprego e renda.

A recuperação econômica após uma

crise devastadora não segue comportamento linear, podendo ser afetada por circunstâncias sociopolíticas adversas. Uma ação de pauta no Judiciário é capaz de afetar o índice Risco Brasil e proporcionar queda na Bolsa de Valores. As ações que assumem nossos representantes dos Três Poderes, na teoria, deveriam servir para acelerar, e não travar, o crescimento das indústrias

A confiança do empresário tem se mantido elevada em médio e em longo prazo e qual é a expectativa para os investimentos em curto prazo? De forma geral, o mercado tem visto um ambiente favorável, as taxas de juros reais estão nos menores níveis históricos, a inflação segue controlada, o mercado de trabalho tem esboçado uma retomada com aumento das contratações e queda na taxa de desemprego. Entretanto, o crescimento da produção precisa destravar no curto prazo, pois foi barrado, principalmente pela ação predatória das retiradas bruscas dos incentivos fiscais. O que significa dizer que o desafio não está focado no aspecto econômico da crise, e sim no aspecto de gestão.

Em Goiás, a produção industrial está sendo ameaçada pela insegurança jurídica que se instalou nos últimos meses. A perseguição aos incentivos fiscais tem deixado empresários cautelosos no planejamento de suas atividades. Vale lembrar que "mais vale um cachorro vivo, do que um leão morto." E o que esperar de 2020? Com certeza, o desafio é grande. De um lado, temos disponibilidade de recursos, do outro uma demanda reprimida. A boa notícia é que o País já começou a tarefa de casa, com foco no reequilíbrio das contas públicas (mediante PECs específicas) e desengessando as relações econômicas (MP da Liberdade Econômica).

Ao que tudo indica, o longo caminho para o crescimento começa, enfim, a ser traçado e espera-se que, em 2020, os indicadores apresentem resultados cada vez melhores. A Fieg, na pessoa do nosso presidente Sandro Mabel e toda sua equipe, representada pelos Conselhos Temáticos e Câmaras Setoriais, em parceria com as demais casas Sesi, Senai, IEL e ICQ Brasil, tem trabalhado para contribuir e apoiar o desenvolvimento e o crescimento das atividades de todos os portes industriais de nosso Estado. ◆



O desafio 4.0

O Brasil, com sua pequena cultura e tradição de pesquisa e inovação, está perdido neste cenário tecnológico avançado, sem produzir novidades e sem competências técnicas e humanas para acompanhar esse movimento."

MARCELO CAMORIM É CONSULTOR EM ADMINISTRAÇÃO E GOVERNANCA CORPORATIVA

m estudo da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), divulgado em outubro deste ano, aponta que o Brasil se encontra fora da Indústria 4.0, por não ter relevância em nenhuma das áreas-chaves do que o mercado chama de 4ª Revolução Industrial. A pesquisa destacou ainda que as áreas com mais potencial para se beneficiar dos avanços tecnológicos são as de produção, controle de qualidade, planejamento e engenharia de desenvolvimento de novos produtos.

Um análise mais detalhada do setor, realizada em 2018 pela mesma instituição, revelou que 32% dos industriais brasileiros não sabem o que significa o termo e que apenas 5% das indústrias nacionais se sentem muito preparadas para enfrentar os desafios trazidos por esse novo momento. Em contrapartida, 23% das indústrias se consideram nem um pouco preparadas e que apenas 41% das empresas brasileiras utilizam o lean manufacturing, sistema de produção enxuta, que é uma grande característica desse novo momento industrial.

A Quarta Revolução Industrial co-

meçou com a difusão das tecnologias de comunicação desenvolvidas nos anos 1970 e se intensificou com os avanços na inteligência artificial e na biotecnologia. O Brasil, com sua pequena cultura e tradição de pesquisa e inovação, está perdido neste cenário tecnológico avançado, sem produzir novidades e sem competências técnicas e humanas para acompanhar esse movimento.

Deficiências na infraestrutura de comunicação, no custo de importação de máquinas e equipamentos e a precariedade na formação do capital humano refletem em obstáculos que o Brasil tem que enfrentar para implementar sistemas industriais inteligentes. É primordial o enfrentamento dessa situação para reduzir o atraso com relação à Indústria 4.0 e se alavancar economicamente. A superação dessa situação só será possível com trabalho de uma equipe formada pela iniciativa privada, que deve modernizar as atividades, e pelo governo que deve implantar políticas eficientes, principalmente na educação e na pesquisa.



O Brasil está comprometido com a 4ª Revolução Industrial?



Recentemente, ouvi uma declaração que endosso aqui: o investimento na Indústria 4.0 não é caro e nem barato. Esse investimento é necessário e urgente"

WERTER PADILHA, coordenador do Comitê de IoT da ABES (Associação Brasileira das Empresas de Software)

4ª Revolução Industrial está em curso no mundo. E acredito que para as empresas brasileiras do setor não existe opção: é primordial investir na modernização da gestão, dos processos produtivos, da logística, do supply chain, dos recursos humanos e, se precisar, agregar mais eficiência até no procedimento de servir o cafezinho.

Já faz mais de dez anos que países como Alemanha, Estados Unidos e China investem em tecnologias para avanços no setor industrial. Enquanto isso, no Brasil, recebemos a notícia de que a indústria brasileira pode deixar o ranking das dez maiores do mundo devido à crise econômica. retração de mercados na América Latina e aos problemas estruturais de competitividade, produtividade e inovação – ainda seguimos com um parque produtivo envelhecido, com linhas fabris e padrões que caracterizam a ultrapassada 2ª Revolução Industrial, conforme podemos analisar com base nos dados publicados nesse site pela Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI). A participação do setor de transformação industrial no PIB já foi 21,6%, em meados da década de 80, e atualmente gira em torno de 11%. O Brasil registra queda também na produtividade da indústria nos últimos dez anos.

A principal pergunta então é: como superar os limites impostos pelas questões financeiras e tributárias, assim como pelas pequenas taxas de crescimento industrial dos últimos anos e a falta de confiança do empresário, para promover a reversão desse cenário marcado pela desindustrialização?

O Plano Nacional de IoT (IoT.br), que tem a indústria como uma das verticais prioritárias, veio para alavancar a inovação na direção da Indústria 4.0, beneficiando pequenas, médias e grandes empresas, e responder à questão acima. Também de olho nessa necessidade de priorização do setor, a Câmara da Indústria 4.0 foi a primeira câmara multisetorial criada em função do IoT.br, coordenada pela Ministério da Economia e o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações (MCTIC) e com participação de empresas, academia e entidades, como a ABES (Associação Brasileira das Empresas de Software).

Desde que foi instituída, em maio

deste ano, seus membros trabalham intensamente e esta Câmara divulgou, em setembro, a primeira proposta de um Plano de Ação a ser implementado entre 2019 e 2022, que "objetiva ser um instrumento indutor do uso de conceitos e práticas relacionados à Indústria 4.0, visando o aumento da competitividade e produtividade das empresas brasileiras, contribuindo para inserção do Brasil nas cadeias globais de valores e, consequentemente, melhorando sua posição em índices globais de competitividade".

Outro ponto a ser destacado nesse sentido é o avanço do projeto de lei que isenta os dispositivos de IoT de vários tributos (Fistel, CFRP e Condecine) no Congresso Nacional, desonerando o preço final dos equipamentos e contribuindo para a democratização do acesso às novas tecnologias, já que IoT é uma das tecnologias indutoras da inovação e da produtividade, junto com Manufatura Aditiva (3D), Inteligência Artificial, Robótica, entre outras.

Em meu dia a dia, tenho me empenhado em falar sobre os instrumentos disponibilizados pelos órgãos de fomento à inovação, que beneficiam a indústria, tais como Finep, BNDES, Sebrae, Embrapii, Senai e CNPq, entre outros.◆

LEIA O ARTIGO NA ÍNTEGRA NO SITE: http://www.abessoftware.com.br/noticias/categoria/artigos



Fieg vai até à Justiça para PROJEGER A INDUSTRIA

Lauro Veiga Filho

e 2019 foi um ano de estruturação e planejamento, com foco na defesa da industrialização da produção goiana de grãos, do fortalecimento da mineração e na constituição do Fashion Bureau, 2020 deverá ser marcado por fortes avanços naquelas três áreas, antecipa o presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), Sandro Mabel, ao completar o primeiro ano de seu mandato. A proposta é prover as indústrias de ferramentas e mão de obra capacitada para buscar maior competitividade e amenizar os impactos negativos causados pelo corte de incentivos fiscais e pela Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) criada pela Assembleia para investigar a política de atração de investimentos no Estado, largamente sustentada pela concessão de benefícios tributários.

Como forma de tentar compensar esses efeitos, Sandro Mabel anuncia ter determinado a todo o Sistema Fieg que redobre esforços para atender à indústria. "Todos nós temos que ver tudo o que podemos fazer pelos empresários, para eles terem mais competitividade e capacidade para crescer. Vamos correr atrás deles e ajudá-los. Já que eles estão perdendo incentivos e para que não fechem as empresas, vamos agir, levando melhorias para eles", afirma. Na mesma linha, acrescenta ele, a Fieg decidiu "entrar judicialmente, de uma forma muito agressiva, em relação a essa questão do Protege (Fundo de Proteção Social do Estado de Goiás), para amparar as indústrias, porque esse Protege só protege a gastança de governo. Nós vamos proteger quem produz".



Goiás Industrial - Em grandes linhas, qual o balanço desse primeiro ano de gestão à frente da Fieg?

Sandro Mabel - Acho que nesse primeiro ano de gestão estamos perseguindo os três pilares definidos desde o início, que inclui a industrialização de grãos aqui mesmo em Goiás, de forma a agregar valor ao nosso produto. Estamos avançando bastante com a produção de etanol a partir do milho, que vai utilizar uma boa parcela do nosso produto. Estamos avançando igualmente no desenvolvimento de novos produtos por meio do nosso instituto de alimentos (do Senai, em Goiânia) a partir do ano que vem para ocupar mais soja, ocupar mais o milho, desenvolver a industrialização cada vez maior desses produtos aqui. E continuamos conscientizando o governo de que é preciso tributar o milho que sai em grão daqui. Temos que incentivar a industrialização do milho no Estado e não essa farra que as tradings fazem, de comprar o nosso grão aqui, exportar para a China e não deixar nenhum centavo de imposto para o Estado. O governo tem cortado os incentivos fiscais das indústrias e está deixando a agricultura solta, sem tributar, onde haveria espaço para tributação de mais R\$ 1,0 bilhão por ano, com a geração de

mais meio bilhão de reais com o pagamento de salários. E isso poderia estar sendo agregado para Goiás, mas o governo não quer fazer. Mesmo assim, estamos insistindo e desenvolvendo projetos no sentido de seguir nesse rumo da tributação, que é uma forma de reter o produto para ser industrializado dentro do Estado, mas também ampliar o consumo aqui dentro, fazer com que frigoríficos possam desenvolver mais produtos que consumam mais soja, mais milho, que possamos produzir mais bois, mais frangos, mais suínos, consequentemente com maior ocupação de mão de obra. Esse é um pilar importante e que está se desenvolvendo bem. Juntamos com a Faeg (Federação de Agricultura e Pecuária do Estado de Goiás), com o pessoal das cooperativas, com as indústrias e estamos trabalhando nesse sentido. Diria que está indo bem.

Goiás Industrial - Seria necessária uma participação mais efetiva do governo estadual?

Sandro Mabel - O papel do governo do Estado é simples, como fez inicialmente o governo de Mato Grosso e que o governo de Mato Grosso do Sul implantou com mais sucesso ainda, que é você tributar uma parte da produção primária que não for industrializada dentro do Estado. Em Mato Grosso do Sul, você poderia exportar 50% sem tributação e os outros 50% você teria que industrializar no Estado ou pagar o imposto correspondente. Isso estimula a industrialização. O que prova que essa política pode dar certo é que Mato Grosso do Sul está crescendo, vai passar Goiás na produção agrícola e na industrialização. E tanto foi sucesso que agora o porcentual a ser industrializado dentro do Estado foi ampliado para 60%. O governo de Goiás fecha os olhos para essa arrecadação e deixa os goianos sem emprego também quando não quer adotar uma política já implantada tanto pelo Mato Grosso quanto pelo Mato Grosso do Sul. Mas acho que vai chegar um ponto em que o governo goiano vai entender que isso é importante. Independentemente disso, estamos desenvolvendo produtos que ocupem nossas matérias-primas e temos fé que nos próximos três anos da nossa gestão vamos impulsionar ainda mais o setor para que possamos atingir 50% a 60% de industrialização da produção de grãos do Estado.



ESTAMOS TRABALHANDO
BASTANTE SOBRE UM DOS
PONTOS QUE TEM EMPERRADO
MUITO O SETOR (DE
MINERAÇÃO), QUE É AQUESTÃO
DAS LICENÇAS AMBIENTAIS.
PARA ISSO, ESTAMOS INDO
DE FORA PARA DENTRO. OU
SEJA, NÓS FIZEMOS COM
QUE A CNI (CONFEDERAÇÃO
NACIONAL DA INDÚSTRIA)
MONTASSE A CÂMARA
SETORIAL DA MINERAÇÃO"

Goiás Industrial - O sr. mencionou três pilares. Quais são os outros dois?

Sandro Mabel - O segundo ponto é a mineração. Estamos trabalhando bastante sobre um dos pontos que tem emperrado muito o setor, que é a questão das licenças ambientais. Para isso, estamos indo de fora para dentro. Ou seja, nós fizemos com que a CNI (Confederação Nacional da Indústria) montasse a Câmara Setorial da Mineração, o conselho da mineração. O presidente Robson (Braga de Andrade, da CNI), com essa nossa insistência grande, montou esse conselho da mineração e eu assumi a presidência no começo de dezembro. Com isso, estamos reunindo todo o pessoal da mineração e vamos fazer uma política de mineração para o Brasil, mas logicamente voltada em boa parte para Goiás. As grandes mineradoras aqui no Estado ficaram muito animadas com o assunto e começam a projetar investimentos, o que vai gerar uma tributação importante, como também aumentar de forma relevante o nível de emprego. O terceiro ponto é o polo de modas, o Fashion Bureau. Conseguimos estruturar e ele começou a funcionar em novembro. O Luiz Antônio Maronezi será superintendente do bureau. É uma parceria com o Sebrae. Trouxemos a Fecomércio, a Facieg, a Aciag, Acieg, as cooperativas, por meio da OCB, o Banco do Brasil. Estamos buscando todos os caminhos para melhorar o setor de modas. A moda aqui em Goiás é feita meio de qualquer jeito, com muita facção. Queremos criar uma moda própria, com design. Dei um comando aqui para o Senai desenvolver muita gente na área de design para modelagem, para todo o setor de modas. Nossas escolas estão intensificando os cursos. Estamos trabalhando com equipamentos mais modernos. E o Banco do Brasil vem junto, financiando máquinas mais modernas para os fabricantes no interior do Estado. Temos que sair dessa confecção que faz só facção, costura para terceiros para levar embora e deixa pouco dinheiro aqui, para fazer moda própria. Queremos desenvolver um polo de moda goiano, que tenha design próprio, com roupas mais avançadas, que agreguem maior valor e,

consequentemente, que permitam remunerar melhor as pessoas. E esse projeto está caminhando muito bem. Temos expectativa de que tanto no calçado como na roupa, na parte de acessórios e também na parte de cosméticos vamos acelerar bastante essas indústrias aqui dentro do Estado.

Goiás Industrial - A ideia é associar moda e cosméticos?

Sandro Mabel - Na verdade, são quatro vertentes da moda: roupas, calçados, acessórios e beleza, que é mais do que cosméticos. Esses quatro vão compor o Fashion Bureau. Dentro dessa visão, pretendemos fazer esse projeto andar com vigor porque o potencial de geração de empregos em todo o Estado é muito grande, empregos simples, baratos e fáceis de serem criados. O Fashion Bureau já tem um espaço definido no edifício Pedro Alves de Oliveira, uma sala ampla, com toda a estrutura para receber indústrias e clientes, vamos realizar ali feiras de moda, reunir todos os segmentos do setor, ver quais são as dificuldades, trazer gente do governo, trazer as pessoas para a formalidade, melhorar, como eu disse, essa parte de design, vamos ajudar as cidades que têm vocação para a moda e qualificar mão de obra com capacidade para desenhar, para fazer modelagem, para costurar. Queremos



66ESTAMOS **DESENVOLVENDO PRODUTOS QUE OCUPEM NOSSAS MATÉRIAS-PRIMAS E TEMOS** FÉ OUE NOS PRÓXIMOS TRÊS ANOS DA NOSSA GESTÃO VAMOS IMPULSIONAR AINDA MAIS O SETOR PARA QUE **POSSAMOS ATINGIR 50% A 60% DE INDUSTRIALIZAÇÃO** DA PRODUÇÃO DE GRÃOS DO ESTADO"

que Goiás seja um gerador de moda e não só um costurador de moda de terceiros.

Goiás Industrial - Esse trabalho será coordenado pela Fieg? Qual o papel das instituições parceiras?

Sandro Mabel - Vamos estar todos juntos. O bureau é de todos nós. A Fieg logicamente está tomando a frente desse projeto apenas para começar a aglutinar os vários atores. Mas o comércio tem muito interesse nisso, assim como as cooperativas, o Sebrae, o Banco do Brasil. Todos vamos agir conjuntamente para que a moda goiana possa se perenizar ao longo do tempo e não sofra essas flutuações observadas atualmente. Queremos ter mais gente criando, mais gente modelando, mais gente costurando e de repente poderemos ter um Yves Saint Laurent saindo aqui de Goiás.

Goiás Industrial - Os sindicatos do setor estarão dentro do bureau?

Sandro Mabel - Os sindicatos ligados ao setor aqui na Federação das Indústrias têm sido muito atuantes por

meio da Câmara da Moda, que atua não só com os sindicatos, mas também com outros parceiros, e já ajuda a formular a atuação da Fieg dentro do Fashion Bureau.

Goiás Industrial - O que o sr. espera em relação a esses três macroprojetos do Sistema Fieg para 2020?

Sandro Mabel - O trabalho que tem sido desenvolvido nos permitirá que as atividades em torno desses três pilares se desenrolem de forma mais forte, já que 2019 tem sido um ano de estruturação. Por outro lado, dentro das nossas escolas, estamos atuando do mesmo jeito. Estamos trabalhando para a formação, a conscientização dos nossos alunos, para fazer com que o menininho, desde pequeno, quando entra nas nossas escolas, comece a aprender o que é indústria, a gostar da indústria, a visitar indústria. Ouvir falar de indústria, professor ser formado em indústria. A indústria tem que estar na cabeça dele. Temos que formar os melhores profissionais para a indústria goiana. Queremos escolher os melhores ainda, dar uma formação ainda mais capacitada. Temos trabalhado muito com cursos de robótica, com informática, com matemática, todos os cursos que serão muito necessários nas próximas indústrias, principalmente nessa parte de TI (tecnologia da informação), nessa parte de robótica, da matemática, tudo isso muito utilizado pela indústria 4.0. Nossas escolas vão estar voltadas cada vez mais para isso.

Goiás Industrial - O que esperar das instituições do Sistema Fieg, como Sesi, Senai, IEL, ICQ, no próximo ano?

Sandro Mabel - Sesi e Senai. principalmente, vão estar voltados muito forte para a educação, mas uma educação dirigida para a indústria. Queremos e vamos ampliar nossa rede de educação e formação. Vamos trabalhar ainda para que nossas escolas possam ser autossuficientes também. O sistema todo está trabalhando para ser autossuficiente. Não podemos ficar dependentes só dessa arrecadação compulsória que nós temos, que está sempre ameaçada de uma forma ou outra. O sistema tem que sobreviver até sem a arrecadação compulsória. Na nossa meta, o sistema tem que viver de sua própria geração de receita e a arrecadação compulsória tem que ser direcionada para aquisição de equipamentos mais modernos, por exemplo, estamos aí dentro da realidade virtual, aqueles óculos que os meninos

aprendem a fazer mecânica, informática, baseados em realidade ampliada, exatamente para investimentos de capital. Então nós vamos formar os melhores alunos e estamos trabalhando muito forte para isso. Esse é o nosso projeto. Nos próximos anos, nosso projeto é exatamente entregar para a indústria alunos cada vez mais bem treinados, cada vez mais prontos.

Goiás Industrial - Houve uma mudança bem visível na atuação da Fieg em alguns fóruns, como os conselhos do Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste (FCO), no Produzir e Fomentar. O que isso trouxe de consequências para o setor industrial?

Sandro Mabel - Se observarmos principalmente no caso do FCO, a indústria havia contratado, em 2018, apenas 1,8% dos recursos. Neste ano, vamos passar de 50%. Por que? Porque nós mudamos a forma do conselho agir, decidir. Antes, o conselho se reunia, recebia 20 projetos, todos aprovavam e ficava por isso mesmo. Agora passamos a discutir um por um. Botamos fogo nas reuniões do conselho do FCO pela experiência que a gente



QUEREMOS DESENVOLVER
UMPOLO DE MODA GOIANO,
QUE TENHA DESIGN PRÓPRIO,
COM ROUPAS MAIS AVANÇADAS,
QUE AGREGUEM MAIOR VALOR
E, CONSEQUENTEMENTE,
QUE PERMITAM REMUNERAR
MELHOR AS PESSOAS.
EESSE PROJETO ESTÁ
CAMINHANDO MUITO BEM.
(...) QUEREMOS QUE GOIÁS
SEJA UM GERADOR DE MODA
ENÃO SÓ UM COSTURADOR
DE MODA DE TERCEIROS"

tem, pela capacidade de discussão. Fizemos com que o conselho passasse a estimular a discussão. Dentro dessa discussão, movimentamos o conselho de forma que, hoje, todo mundo dá palpite, as reuniões são quentes. Mas isso fez com que a indústria tivesse mais participação no FCO. Da mesma forma, no Produzir e no Fomentar, nós temos defendido as posições das indústrias, assim como a atração de novas indústrias, no sentido de facilitar, criar novos incentivos, porque Goiás está na contramão. O Estado está acabando com os incentivos, acabando com as empresas, buscando a desindustrialização do jeito hoje que o governo está fazendo. Mas temos a expectativa de que, com conversa, com o tempo e com aprendizado, já que o governo não é desse ramo de gestão, poderemos avançar. O governador é uma pessoa muito capaz, muito direita, honesta, mas não entendida de administração. Então tem tomado essas atitudes só buscando receitas no curto prazo. Mas não é esse o único caminho. Você, quando promove o desenvolvimento, faz a receita crescer. Não adianta você achar que, ao comer a galinha, resolverá o problema. Aí você não tem mais os ovos. Você pode

ficar 'gordinho' por um tempo ao se alimentar da galinha, mas ficará sem os ovos. Precisamos mostrar para o governo que ele precisa fazer a galinha ficar cada vez maior, virar outra galinha e botando ovos todos os dias. E não simplesmente você querer comer a galinha e resolver o problema por pouco tempo, de uma forma mais farta, só que, no longo prazo, você acaba com a indústria goiana, que é o que está acontecendo. É uma judiação a forma como o setor, os empresários e os incentivos têm sido tratados tanto pela Assembleia Legislativa quanto pelo governo. Mas temos a expectativa de que isso possa ser mudado. Estamos trabalhando com o Fórum Empresarial de Goiás dentro dessa visão. A nossa vida é só essa, atrair investimentos, fazer com que o Estado possa melhorar e avançar cada vez mais em sua industrialização e consequentemente promover o crescimento da atividade econômica e trazer desenvolvimento para Goiás.

Goiás Industrial - A Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) criada pela Assembleia para investigar a política de incentivos tem gerado projetos que cortam benefícios para

setores da economia, a exemplo das usinas de etanol e da indústria de arroz. Como o sr. avalia essas questões?

Sandro Mabel - São projetos 'fecha-empresas', que desindustrializam. Eles querem cobrar impostos da indústria automobilística, dizendo que a Caoa (que monta veículos da marca Hyundai em Anápolis) não paga imposto. Quem disse que ela veio para cá para pagar impostos? Se fosse para pagar impostos, ela ficava em São Paulo, porque lá tem mão de obra, lá tem o setor de autopeças, lá tem tudo. O que ela veio fazer aqui? Que vocação nós temos para a indústria de automóveis, para a indústria farmacêutica? Nenhuma. O que um ou dois governadores com a cabeça arejada fizeram – um trouxe a Mitsubishi, outro trouxe a Caoa? Traz para cá que você não vai pagar imposto. Você vai gerar empregos e os empregos vão gerar renda, com essa renda o trabalhador vai comprar no comércio, que vai pagar impostos. Se não fosse assim, nenhuma delas viria. Hoje o que está fazendo é destruindo o que foi feito no passado de uma forma sem precedentes. Infelizmente, Goiás deve entrar numa desindustrialização e numa depressão

econômica enquanto o restante do País

está crescendo.

Goiás Industrial - O sr. disse estar otimista em relação a esse diálogo com o governo. Há perspectivas que possam dar base concreta para esse otimismo?

Sandro Mabel - Eu tenho experiência nisso. Eu vi quando o governo do PT entrou, o Lula (Luiz Inácio Lula da Silva, presidente entre 2003 e 2010) assumiu. Eles acharam que eram o rei da macacada, que poderiam fazer o que queriam. Com um ano e meio, eles aprenderam que o governo deles iria acabar se continuassem assim. Acho que, com o governo (Ronaldo) Caiado, vai ocorrer a mesma coisa. Isso que ele está fazendo, da forma como está fazendo, ele verá lá na frente o estrago que se está fazendo. Basta ver a pauta do FCO na reunião do dia 19 de novembro. A pauta inclui projetos de oito empresas apenas: um de R\$ 900,0 mil e as outras sete abaixo de R\$ 100,0 mil. Tem empresa investindo R\$ 13,0 mil, R\$ 15,0 mil. Isso é de chorar, é de fazer dó. Aqui, tínhamos na pauta projetos de investimento de R\$ 20,0 milhões, R\$ 10,0 milhões, R\$ 50,0 milhões, de R\$ 200,0 milhões. Agora, o

conselho do fundo tem feito reunião para decidir sobre projetos de R\$ 13,0 mil, de R\$ 15,0 mil. Não tem cabimento. Isso é um sinal e é preciso saber entender os sinais. Ele (Caiado) vai saber entender da forma mais dura, porque, se ele escutasse a gente, ele iria resolver de um jeito que não prejudicaria todo o Estado. Mas vai chegar um momento em que ele vai entender isso. Não resta dúvida. Ele vai ver as indústrias indo embora. Já tem muitas (empresas) saindo. É que elas saem quietas.

Goiás Industrial - Quais são as perspectivas para a indústria em 2020?

Sandro Mabel - Eu passei uma lição de casa para todo nosso Sistema S, para todo nosso sistema da indústria, que é a seguinte: todos nós temos que ver tudo o que podemos fazer pelos empresários, para eles terem mais competitividade e capacidade para crescer. Vamos correr atrás deles e ajudá-los. Já que eles estão perdendo incentivos e para que não fechem as empresas, vamos agir, levando melhorias para eles. Vamos trabalhar muito, nós

> da Federação das Indústrias, nessa direção. Enquanto o governo está fazendo o contrário, atrapalhando, vamos trabalhar bastante para que as empresas possam ter competividade, pessoal mais bem treinado e enfim poderem reagir a esse



Goiás Industrial - O orçamento do sistema Fieg para 2020 já está definido?

Sandro Mabel - Nosso orçamento para o ano que vem vai depender do corte que o tal do Paulo Guedes (ministro da Economia) quer fazer. Estamos trabalhando sem esse corte, mas trata-se de um orçamento espremido, principalmente da Fieg, desde o fim da contribuição sindical compulsória. Tivemos que apertar um pouco mais o cinto. Mas estamos gastando cada centavo muito bem gasto em nossas escolas para educar bem, melhorar os equipamentos que elas têm, abrir mais vagas. Cada centavo que a gente economiza é para dar condições de uma nova pessoa poder estudar.

Goiás Industrial - O sr. acha que a produção industrial e a economia devem voltar a crescer a partir do ano aue vem?



NOSSA REDE DE EDUCAÇÃO EFORMAÇÃO. VAMOS TRABALHAR AINDA PARA QUE **NOSSAS ESCOLAS POSSAM SER AUTOSSUFICIENTES** TAMBÉM. O SISTEMA TODO ESTÁ TRABALHANDO PARA

SER AUTOSSUFICIENTE"

Sandro Mabel - Acho que sim. Acho que o Brasil deve voltar a crescer, já está voltando a crescer e Goiás não pode perder esse bonde. E já está perdendo. Temos que acreditar que as empresas que ainda estão aqui vão crescer e temos que ajudá-las a crescer da melhor forma.

Goiás Industrial - Como o sr. analisa as questões da manutenção da contribuição mais elevada para o Fundo de Proteção Social do Estado de Goiás (Protege) e do ProGoiás, novo programa de incentivo que a Secretaria da Economia do Estado está preparando?

Sandro Mabel - O Protege é uma contribuição que criaram, que aliás é proibida, completamente inconstitucional. Acordamos que essa contribuição fosse elevada durante um ano para ajudar o novo governo que estava entrando. Aí, o governo já gostou, está enviando projeto para a Assembleia para tornar o aumento permanente, o que é impossível. As empresas perderam competitividade, algumas estão quebrando por causa disso aí. Era o dinheiro que ela pagava a prestação dos investimentos que ele fez. Isso é muito triste e a Federação das Indústrias vai entrar judicialmente, de uma forma muito agressiva, em relação a essa questão do Protege, para amparar as indústrias, porque esse Protege só protege a gastança de governo. Nós vamos proteger quem produz. Quanto ao ProGoiás, não vimos o texto ainda. Só vimos uma apresentação em PowerPoint. Temos que ver o texto, mas pelo que já se conhece, não é uma coisa boa.



SE OBSERVARMOS PRINCIPALMENTE NO CASO DO FCO. A **INDÚSTRIA HAVIA CONTRATADO.EM** 2018, APENAS 1,8% **DOS RECURSOS. NESTE** ANO, VAMOS PASSAR DE50%. PORQUE? **PORQUE NÓS MUDAMOS** A FORMA DO CONSELHO AGIR, DECIDIR"



Ministério da Cidadania e Registro de Imóveis da 1ª Circunscrição de Goiânia APRESENTAM

Primavera sociaL la Edição

VOCÊ QUE É EMPRESÁRIO E/OU PESSOA FÍSICA, SABIA QUE SEU IMPOSTO DE RENDA PODE SER UTILIZADO PARA MUDAR VIDAS?

ACESSE WWW.PRIMAVERASOCIAL.COM.BR E CONHECA ESSE PROJETO QUE, POR MEIO DA MÚSICA, ESTÁ MUDANDO A VIDA DE MUITAS CRIANÇAS, JOVENS E FAMÍLIAS.































CNI INSTALA CONSELHO DE MINERAÇÃO E SANDRO MABEL É O 1º PRESIDENTE

Presidente da Fieg define três frentes para atuação do Comin: formalização e desenvolvimento das pequenas e médias empresas, estruturação de políticas públicas que deem seguranca jurídica para os investimentos e diversificação e expansão do setor de mineração

Dehovan Lima // Aaência CNI de Notícias

m dos pilares definidos pela gestão de Sandro Mabel à frente da Fieg ao lado da industrialização de grãos em Goiás e do desafio de transformar o Estado em polo de referência da moda, abrangendo os setores de vestuário, calçados, acessórios e cosméticos -, a mineração acaba de ganhar um conselho temático na estrutura da Confederação Nacional da Indústria (CNI). Instalado dia 3 de dezembro, o Comin será presidido por Sandro Mabel, principal articulador de sua criação, e terá como missão contribuir com diagnósticos e propostas para a mineração, um dos setores mais importantes da economia nacional.

Trata-se de antiga demanda de empresários do setor, segundo observou o presidente da CNI, Robson Braga de Andrade, ao lado do ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque, que participou da sessão de instalação do Comin. "A mineração não abrange só grandes exportadores e grandes empresas; é muito mais que isso. Está presente em todos os Estados e tem importância essencial não só para a balança comercial, mas para muitos outros setores da atividade industrial", destacou.



Sandro Mabel fala na instalação do Comin, ao lado do presidente da CNI, Robson Braga de Andrade, e do ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque

De acordo com Sandro Mabel, o Comin não será um conselho de pautas generalistas, mas trabalhará para definir prioridades, metas e estabelecer resultados. "Existem algumas perspectivas que são importantes. A primeira delas é a necessidade de apoio aos milhares de pequenos e médios empreendimentos de mineração que existem pelo Brasil afora", pontuou.

Sandro Mabel enfatizou que a CNI não substitui nem substituirá nenhuma das associações e instituições que representam a mineração. "Para dar certo, temos que criar algo diferente, uma contribuição específica. Para isso, nos propomos a ser, antes de mais nada, um espaço de coordenação", detalhou. Segundo ele, o Comin atuará em três frentes: a formalização e o desenvolvimento das pequenas e médias empresas; a estruturação de políticas públicas que deem segurança jurídica para os investimentos; e a diversificação e expansão do setor de mineração.

EMPREGOS - O presidente da Fieg observou que o setor mineral está no DNA da história do Brasil. Ele ponderou, porém, que a atividade de mineração no País está muito aquém do que poderia ser. Atualmente, o setor responde por cerca de 4% do PIB brasileiro, 25% do saldo da balança comercial e 180 mil empregos diretos, conforme dados do Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram).

"Se nos compararmos ao que a mineração gera em riqueza em países como Canadá ou Austrália, nossos concorrentes diretos, estamos atrasados. Lá, a mineração é responsável por 6,5% e 8% da criação de riquezas, respectivamente. Se chegássemos a esse nível, poderíamos crescer em 50% ou até mesmo dobrar o tamanho da mineração no Brasil. Poderíamos ter 35 bilhões de dólares a mais no PIB, gerando mais de 350 mil novos empregos", frisou. ◆



UM ROTEIRO PARA DESENVOLVER A INDÚSTRIA



Nova direção da Fieg aproveita seu primeiro ano de gestão para consolidar projetos destinados a verticalizar a produção de grãos e de minérios e transformar Goiás num polo de referência na área da moda

Lauro Veiga Filho

primeiro ano do empresário e líder classista Sandro Mabel na presidência da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg) foi marcado por avanço em questões centrais para o desenvolvimento do Sistema Fieg, de uma forma mais específica, e de toda a indústria no Estado. Quando assumiu, em janeiro de 2019, Sandro Mabel adiantou seus planos de realizar uma "mexida forte" no Sesi e no Senai, com foco em educação, formação e capacitação de jovens e adultos, como forma de oferecer à indústria mão de obra qualificada e preparada para sustentar um

salto na produtividade do setor. Ao longo do ano, as instituições ampliaram sua cobertura, o número de empresas atendidas e o total de alunos matriculados, assim como o Instituto Euvaldo Lodi (IEL) superou os números de 2018 em meio à estagnação na economia (leia reportagens nesta edição).

Ainda dentro de casa, mas igualmente de olho no conjunto da economia estadual, conselhos temáticos e câmaras setoriais vêm tendo sua atuação reforçada, ao mesmo tempo em que a federação passou a dedicar esforços em torno de três pilares, envolvendo a industrialização da produ-

CAPA | Balanço 2019



 Reunião do conselho deliberativo dos programas Produzir e Fomentar em novembro de 2019: Fieg redireciona sua atuação e amplia participação da indústria

ção doméstica de grãos, a criação de um polo de modas, que seja referência para o restante do País, e o apoio à mineração. Numa primeira etapa, cumprida em 2019, foram estruturados os projetos em cada uma daquelas três áreas. Para 2020, o objetivo é colocar em execução o planejamento definido

A estratégia, defendida por Sandro Mabel e apresentada ao governo estadual como alternativa para promover o crescimento sustentado e de longo prazo para a economia goiana, envolve mudanças na tributação de forma a estimular o processamento da produção agropecuária aqui dentro, gerando mais empregos e renda, diversificando e agregando valor à pauta de exportações.

A balança comercial de Goiás registra enorme dependência em relação aos produtos de base agropecuária e mineral, que responderam por 73,6% do total exportado nos primeiros dez meses de 2019, com vendas externas de US\$ 4,220 bilhões frente a exportações de US\$ 5,737 bilhões geradas pelo conjunto da economia goiana. Os embarques de soja em grão, concentrados no mercado chinês, representaram pouco mais de um terço das exportações totais, alcançando US\$1,443 bilhão. A China foi o destino de 83,8% de toda a soja exportada a partir de Goiás, além de ter respondido por 61,6% do superávit (exportações menos importações) acumulado pela balança comercial goiana naqueles dez meses (veja material mais detalhado nas páginas 50 e 51 desta edição).

No setor de modas, o projeto reuniu os principais atores nessa área em torno do Fashion Bureau, instalado fisicamente no Edifício Pedro Alves de Oliveira, uma das sedes da Fieg em Goiânia, mas com foco em toda a indústria de vestuário, calçados, acessórios e o setor de beleza. A parceria inclui Fecomércio, Facieg, Aciag, Acieg, OCB (como representante das cooperativas) e o Banco do Brasil, além da própria Fieg, da Câmara Setorial de Moda, criada recentemente na estrutura da federação, e dos sindicatos das indústrias de cada um

dos segmentos representados no polo. Em outro pilar, sustenta ainda Sandro Mabel, a federação tem desenvolvido esforços para destravar a questão do licenciamento ambiental na área da mineração e conseguiu abrir espaço especial para a indústria do setor dentro da Confederação Nacional da Indústria (CNI), ao convencer o presidente Robson Braga de Andrade a criar o Conselho Temático de Mineração (Comin), que ele próprio vai presidir "Vamos fazer uma política de mineração para o Brasil, mas logicamente voltada em boa parte para Goiás", adianta Sandro Mabel (leia mais nas páginas 10 e 17). Todas essas iniciativas foram costuradas e estruturadas nos primeiros 12 meses do mandato. A partir de 2020, destaca ainda o presidente da Fieg, a ideia é consolidar os três pilares e avançar na execução dos projetos, dando novos rumos à indústria naqueles setores.

Ao lado de questões mais estruturais, que consumiram grande parte dos esforços da nova gestão, a presidência ocupou-se ainda de ditar um novo formato de inserção da Fieg em fóruns vitais para o crescimento do setor, para a atração de investimentos por meio da instalação de novas indústrias e ampliação daquelas já instaladas, reforçando sua participação nos conselhos dos programas Produzir e Fomentar e ainda no Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste (FCO).

A atuação firme do presidente da Fieg não só elevou a temperatura das reuniões no FCO, em suas próprias palavras, como alterou a destinação dos recursos. Em 2018, com 132 projetos financiados, a indústria havia contratado R\$ 55,967 milhões com recurso do fundo, o que representou meros 1,79% do total de financiamentos realizados no ano. Apenas nos primeiros nove meses de 2019, a participação da indústria foi elevada para 14,44%, o que representou a contratação de R\$ 316,82 milhões, praticamente seis vezes mais todo o recurso destinado ao setor nos 12 meses do ano anterior.

No total, os projetos para os segmentos empresariais receberam 46,2% dos recursos entre janeiro e setembro de 2019, somando R\$ 1,013 bilhão (141,2% mais do que todo o ano de 2018, quando a área empresarial obteve R\$ 420,02 milhões ou 13,44% do total). Ainda em 2018, os projetos destinados ao setor rural consumiram R\$ 2,694 bilhões, representando 86,18% de todos os recursos destinados a Goiás pelo FCO. A participação foi reduzida para 53,83% no acumulado dos nove meses iniciais de 2019, com a contratação de R\$ 1,181 bilhão.

Defesa aguerrida dos incentivos fiscais e voz contra CPI

Em parceria com o Fórum das Entidades Empresariais do Estado de Goiás (FEE), a Fieg assumiu ainda defesa aguerrida da política de incentivos fiscais, diante de medidas adotadas pelo governo do Estado supostamente para debelar a crise | Jerry Alexandre de Oliveira Paula, presidente do Sindicato das Indústrias do Arroz no Estado de Goiás (Siago), depõe na CPI dos Incentivos Fiscais: insegurança jurídica afugenta investidores

DIVISÃO MAIS EQUILIBRADA

(Contratações do FCO em Goiás, entre janeiro e setembro de 2019)



Setores	Número de contratos	Valores (em R\$ milhões)	Participação no total (%)
Empresarial	3.056	1.013,16	46,17
Industrial	161	316,82	14,44
Infraestrutura	25	55,57	2,53
Turismo	13	9,66	0,44
Comércio, serviços, ciência, tecnologia e informação	2.857	631,12	28,76
Rural total	5.311	1.181,45	53,83
Rural	2.196	1.003,35	45,72
Pronaf	3.115	178,10	8,12
Total geral	8.367	2.194,61	100

Fonte: Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste (Sudeco) / Relatório de informações gerenciais do Banco do Brasil

fiscal alardeada ainda antes da posse do então governador eleito Ronaldo Caiado, e bombardeada ainda por setores da Assembleia Legislativa, com a criação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) especialmente dedicada à investigação de empresas incentivadas.

Nos últimos meses, registrou-se uma escalada que combinou ameaças a empresas, projetos de lei prevendo corte de benefícios para os setores sucroalcooleiro, de arroz e outras indústrias, atingindo igualmente o comércio varejista, e ainda a convocação de presidentes de grandes empresas e grupos econômicos favorecidos pelos incentivos estaduais. Para Sandro Mabel, a condução dos trabalhos da CPI tem exposto empresas, constrangido empresários e afugentado indústrias e investimentos, desestimulando o cresci-

CAPA | Balanço 2019

mento mais acelerado da produção, do emprego e da renda em toda a economia goiana. O clima de insegurança jurídica tem sido acirrado, entende Sandro Mabel, por propostas de alongamento por prazo indefinido da contribuição de 15% ao Fundo de Proteção Social do Estado de Goiás (Protege) e de revisão de incentivos já consolidados.

Em meio a todo o barulho, algumas indústrias instaladas em Goiás engatilham investimentos em outros Estados, a exemplo GSA, Caoa e Brasilata. No setor varejista, o grupo Novo Mundo firmou acordo com o Governo do Distrito Federal (GDF) para instalar ali um centro de distribuição para atender todo o mercado de e-commerce (comércio digital)

da rede de lojas no País, criando perto de mil empregos. O grupo goiano já opera um centro de estocagem de mercadorias no DF, mas destinado apenas a suprir o mercado regional.

Numa negociação que tomou perto de quatro meses, o Novo Mundo assegurou redução para 3% na alíquota do Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) em troca do investimento. A intenção manifestada pelo GDF é de reforçar sua política de atração de investimentos privados e sua parceria com o setor empresarial. O grupo deverá investir algo acima de R\$ 50,0 milhões entre aquisição de uma área no Polo JK e instalação do seu centro de distribuição, segundo o GDF.

Para o presidente executivo dos

sindicatos da Indústria de Fabricação de Açúcar do Estado de Goiás (Sifaçúcar) e da Indústria de Fabricação de Etanol do Estado de Goiás (Sifaeg), André Rocha, a extinção do crédito outorgado para o setor significará reduzir a zero todos os incentivos. "As usinas vão perder, os trabalhadores vão perder, com os próprios empregos. Todo mundo vai perder, o combustível vai aumentar. O incentivo fiscal, no nosso caso, gera imposto, gera emprego, gera preço. Se tirar os incentivos estamos aumentando a carga tributária para os consumidores", afirmou. A indústria de etanol e açúcar, que representa 30% do PIB industrial em Goiás, emprega perto de 60 mil pessoas diretamente e 250 mil de forma indireta.

MENOS BENEFÍCIOS FISCAIS EM 2019

Em mais uma aparente consequência da batalha travada internamente entre setores do empresariado goiano, governo e Assembleia Legislativa, o total de benefícios fiscais contratados, que vinha mesmo avançando nos primeiros meses do ano, reverteu essa tendência na segunda metade de 2019, sofrendo baixas de 6,8% em junho e de 6,5% em setembro, para encerrar outubro com forte tombo na comparação com os mesmos meses de 2018, segundo dados do portal Goiás Transparente. O total de incentivos desabou 91,4% naquele mês, saindo de R\$ 692,575 milhões em 2018 para R\$ 59,527 milhões. Entre janeiro e outubro, entre crédito outorgado e benefícios do Produzir e Fomentar, as empresas contrataram R\$ 5,826 bilhões em 2019, representando baixa da 3.01% frente a R\$ 6.007 bilhões nos dez meses iniciais de 2018.

Responsável por praticamente 73% dos incentivos, a indústria de transformação contratou R\$ 4,251 bilhões nos primeiros dez meses de 2019, o que se compara com R\$ 4,432 bilhões nos mesmos meses de 2018, numa redução de 4,07%. Um dos alvos do ajuste fiscal executado pela Secretaria de Economia do Estado, o total de créditos outorgados caiu 7,30% naquela mesma comparação, encolhendo de quase R\$ 3,589 bilhões para R\$ 3,327 bilhões.

CORTE NOS INCENTIVOS

(Benefícios fiscais contratados pelas empresas em Goiás entre janeiro e outubro, valores em R\$ milhões)

Período	2018	2019	Variação (%)
Jan	493,89	545,90	10,5
Fev	505,02	601,38	19,1
Mar	654,98	702,29	7,2
Abr	538,53	599,46	11,3
Mai	499,71	677,26	35,5
Jun	685,57	639,14	-6,8
Jul	588,06	655,21	11,4
Ago	640,68	684,12	6,8
Set	707,55	661,76	-6,5
Out	692,57	59,53	-91,4
Jan-out	6.006,57	5.826,06	-3,0









Fonte: Portal Goiás Transparente / Controladoria Geral do Estado de Goiás

AS MAIORES BAIXAS

(Benefícios fiscais contratados entre janeiro e outubro de cada ano, valores em R\$ milhões)

Tipo/Setor	2018	2019	Variação (%)
Crédito outorgado	3.588,57	3.326,70	-7,3
Indústria de transformação	4.431,62	4.251,41	-4,1

Fonte: Portal Goiás Transparente / Controladoria Geral do Estado de Goiás



• André Rocha, do Sifaçúcar/Sifaeg: "As usinas vão perder, os trabalhadores vão perder, com os próprios empregos. Tudo mundo vai perder, o combustível vai aumentar" com o corte de incentivos

MAIS UMA BAIXA NESSA GUERRA

A guerra fiscal, que prossegue a despeito do acordo entre os governos estaduais para convalidação dos incentivos, já havia provocado o deslocamento de Goiás para Minas Gerais, mais precisamente para Pouso Alegre, das multinacionais Unilever e Amcor Rigid, fabricante de embalagens. Segundo informações da imprensa, a planta da Unilever no sul mineiro produz caldos e sopas das marcas Arisco e Knorr, bebidas à base de soja da marca AdeS e temperos em pó. A linha de maionese Hellmann's, antes estacionada na unidade de Goiânia, retorna a Pouso Alegre, assim como a produção de molhos para salada, mostarda, ketchup, temperos em pó e pasta, sobremesas Cart D'or e food solutions. A mudança da Amcor deverá estar consolidada até o final de 2019

Austeridade e gestão

A partir de janeiro, a direção da Fieg esteve engajada internamente num trabalho para racionalizar custos e despesas, gerar novas receitas para financiar a expansão do sistema, além de atuar para ampliar a representatividade no meio industrial, no ambiente econômico estadual e ainda na esfera política. Segundo o economista João Carlos Gouveia, novo superintendente da Fieg, os gastos operacionais foram cortados pela metade e, assim, houve a desmobilização de praticamente 50% da frota de

veículos, enquanto o efetivo direto anotou redução mínima, limitada a 12%.

Os contratos com terceirizados passaram por ajustes que permitiram baixar seu custo em 17% na comparação com o exercício anterior. Ao mesmo tempo, a arrecadação do Sesi e Senai registrou incremento mensal de R\$ 26,0 mil e a contribuição direta em todo o sistema teve aumento de 50%. Numa negociação agressiva com bancos, a federação alcançou ainda redução expressiva, na faixa de 46%, das tarifas bancárias, em mais uma economia importante de recursos para o sistema num momento de baixo crescimento na economia e de fim da contribuição sindical obrigatória.

No setor de tecnologia da informação, a rede Wi-Fi do edifício Pedro Alves de Oliveira foi aprimorada, com a aquisição de novos equipamentos, que permitiram ampliar seu alcance e eficiência. Na mesma área, mas em outra frente, foi possível ainda reduzir custos com o sistema integrado à internet e concluídos ajustes nos contratos de licenciamento da rede interna de computadores, o que trouxe igualmente menores gastos.

Num exemplo da atenção a todas as

possibilidades de racionalizar despesas, Gouveia lembra que a edição deste ano da Semana do Meio Ambiente foi realizada em junho, fora da alta temporada em Aruanã, com gastos mais baixos para a federação. O evento, acrescenta ele, reuniu um público estimado em 1,2 mil pessoas. Houve mudanças também na política de comunicação e na atuação do setor, com maior presença em mídias digitais, sobretudo nas redes sociais, e divulgação mais intensiva das ações, iniciativas e projetos da casa (leia editorial desta edição). "Todo o processo de comunicação do sistema foi reformulado, tornando-o mais objetivo, ágil, claro e direto", resume o superintendente.

Gouveia destaca especialmente a "atuação efetiva" da Fieg junto aos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário "no sentido de defender os direitos dos acionistas, cumprir os deveres à risca e garantir que tenham tratamento justo pelas leis e políticas públicas". Na área institucional, foi firmado em novembro de 2019 convênio entre Fieg e Sebrae Goiás para instalação de ponto de atendimento avançado do serviço de apoio às micro e pequenas empresas no edifício Pedro Alves de Oliveira (*leia mais na página 47*).

Desde o final de 2018, com participação do Instituto Euvaldo Lodi, a Fieg envolveu-se diretamente, já sob influência do então presidente eleito, Sandro Mabel, na construção de alternativas para tornar factível a realização em Goiânia da primeira edição da mundialmente famosa Campus Party, maior evento de inovação e transformação digital do planeta. O encontro foi realizado no Centro de Convenções de Goiânia entre os dias 4 e 8 de setembro.

Em sua política de aproximação e atração de empresas industriais para o sistema, a Fieg desenvolveu o projeto Encontro com Indústrias, com visitas às unidades do Sesi, Senai, IEL. Em sua primeira versão, ocorrida em outubro, um grupo de empresários visitou as unidades Sesi e Senai Vila Canaã, onde houve apresentação dos principais

CAPA | Balanço 2019

produtos e serviços desenvolvidos pelas instituições para o setor produtivo, com demonstração de onde são aplicados os recursos arrecadados por meio da contribuição compulsória das empresas. A programação incluiu visita técnica às salas de aula do ensino médio e de robótica do Sesi, às oficinas das áreas de alimentos, mecânica e gráfica do Senai, ao Centro de Treinamento da John Deere e ao Instituto Senai de Tecnologia em Alimentos e Bebidas. Participaram do evento as indústrias Ontex, Caoa Montadora, Cerradinho Bionergia, Furnas Centrais Elétricas, Isoeste, Mineração Maracá, Cel Engenharia, CJ Selecta, Servitec e Calcário Ouro Branco.

Entre cursos de treinamento e de qualificação de empresários em diversas áreas, desde a gestão até o comércio exterior, seminários e palestras, a Fieg promoveu a terceira edição do Encontro Tecnológico e de Negócios, com 250 participantes, e ainda o 7º Encontro Internacional de Comércio Exterior (*leia reportagem à página 48*), com 320 participantes brasileiros e de mais sete países.

Desafio de verticalizar o setor mineral

"A Fieg assume a responsabilidade de lutar pelas condições legais necessárias ao desenvolvimento e à expansão da atividade mineral no Estado de Goiás", declara o presidente da entidade, Sandro Mabel. O desafio inclui, no setor de infraestrutura, a efetivação da Ferrovia Norte-Sul (FNS), a implantação da Ferrovia de Integração do Centro-Oeste (Fico), mas também a adoção de "uma política fiscal adequada, além de normas inteligentes e ágeis para o licenciamento ambiental", sustenta ele. "Pela alta relevância socioeconômica do setor para o País, a melhoria do ambiente de negócios exige participação ativa dos órgãos públicos reguladores e de toda a sociedade", complementa ainda.

A mineração, historicamente, continua Sandro Mabel, contribuiu para ampliar fronteiras e gerar riquezas. Daqui em diante, para além da produção de matérias-primas, o setor mineral terá como papel principal verticalizar a indústria do setor e diversificar sua produção de forma a suprir a agroindústria goiana e brasileira, substituindo a importação de insumos – e é nesse processo que a Fieg também pretende atuar.

Já no começo deste ano, o ambiente de negócios foi sensivelmente abalado por duas "péssimas notícias oriundas do setor mineral, exatamente um dos pilares estratégicos da Fieg", retoma o presidente da federação, referindo-se à tragédia de Brumadinho, em Minas Gerais, e ao encerramento das operações da Sama em MinaPlanta de amianto da Sama em Minaçu: operação suspensa por decisão do Supremo Tribunal Federal

çu, no Norte de Goiás, por determinação do Supremo Tribunal Federal (STF). O setor respondeu rapidamente aos desafios impostos pelo novo cenário na mineração, "por meio do projeto de terras raras da Serra Verde. Além de reduzir os efeitos do fechamento da Sama, essa nova mina vai

PESQUISAS E ANÁLISES ECONÔMICAS

A Coordenação Técnica da Fieg (Cotec) vem se dedicando a atividades destinadas a produzir dados e informações para aparelhar a Fieg na defesa dos interesses da indústria e, ainda, à realização de pesquisas econômicas e elaboração de relatórios, pareceres e diagnósticos para orientar empresas e o Sistema Indústria como um todo. Apenas em 2019, a Cotec elaborou 28 declarações de mercado, exigidas pela legislação do Produzir

para implantação de atividade industrial já existente no Estado, além de atender em média 15 empresas, via e-mail, por telefone ou presencialmente, orientando-as em relação aos caminhos para contratar financiamentos com recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

No portfólio de pesquisas, envolvendo a parceria com a Confederação Nacional da Indústria (CNI), a coordenação produz mensalmente uma série de indicadores industriais, sondagens industriais, aferição dos níveis de confiança na indústria e no setor da construção civil. A área econômica da Fieg respondeu, ainda neste ano, pela elaboração da publicação Economia em Números, material analítico e comparativo da economia goiana e nacional, e do Economia em Foco, com análises mais específicas, ambos disponíveis no site da Fieg (www.sistemafieg.org.br/home). Entre suas atribuições, o órgão acompanha todas as reuniões do FCO.



produzir minerais que são fundamentais para as tecnologias de alta performance da informática, telecomunicação, energia e transporte", observa Sandro Mabel.

Presidente da Câmara Setorial da Mineração da Fieg (Casmin), Wilson Antônio Borges destaca o papel desempenhado pelo órgão, de forma estritamente técnica, na "interlocução dos interesses do setor mineral junto ao poder público". A câmara tem contribuído nas articulações com o setor público estadual, lideradas pela Fieg, para dar maior agilidade no processo de licenciamento ambiental de indústrias de mineração, lembra Borges. Ele comemora, como uma "conquista do setor mineral", o lançamento do protocolo digital pela Agência Nacional de Mineração (ANM), que assumiu as funções do antigo Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM). O protocolo, comenta Borges, cria "um canal único para reduzir a burocracia, dar agilidade e transparência na tramitação de processos minerários".

Em 2020, a Casmin anuncia a realização, em Goiânia, entre 14 e 16 de julho, da Feira Brasileira da Mineração (Brasmin 2020) e do 7º Encontro Nacional da Média e Pequena Mineração, realizados pela Associação Brasileira de Pesquisa Mineral (ABPM), com apoio da Fieg, do Sindicato das Indústrias Extrativas de Pedreiras e Derivados do Estado de Goiás, Tocantins e Distrito Federal (Sindibrita) e da Associação Brasileira das Indústrias de Máquinas (Abimaq).

Considerando apenas a expansão de empreendimentos minerais já em operação no Estado, Borges estima que os investimentos no setor poderão alcançar perto de R\$ 8,0 bilhões nos próximos dois a três anos. Os recursos deverão ser investidos em tecnologia, novos equipamentos, ampliação de reservas e de plantas metalúr-



 Wilson Borges, presidente da Câmara Setorial da Mineração da Fieg: articulações para tornar licenciamento ambiental mais célere

gicas em Alto Horizonte, Crixás, Catalão, Barro Alto e Minaçu, alcançando projetos de exploração de ouro, cobre, níquel, fosfato, nióbio e terras raras. A previsão não contempla novos projetos de mineração, acrescenta Borges, "mas os números confirmam a forte vocação mineral do Estado".

Líder brasileiro na produção de vermiculita e níquel, segundo maior produtor de bauxita, fosfato, cobre, ouro e nióbio, Goiás poderá engordar seu portfólio mineral caso se confirmem as previsões do setor para todo o País, que espera receber em torno de US\$ 22,721 bilhões em novos investimentos nos próximos três a quatro anos, conforme José Roberto Sevieri, da Proma Feiras, empresa que organizará a feira. Desse total, perto de US\$ 671,0 milhões deverão ser destinados a quatro projetos programados para o Estado.

Como fruto ainda de trabalhos de pesquisa mineral e mapeamento de depósitos com potencial para exploração ainda nos anos 1970 pela Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM), atual Serviço Geológico do Brasil, detalha Marcio José Remédio, coordenador executivo da diretoria de geologia e recursos minerais do

CAPA | Balanço 2019

CPRM, restam 30 projetos daquela época ainda não licitados, envolvendo quase 300 títulos minerários.

Quatro daqueles projetos foram qualificados pelo Programa de Parcerias de Investimentos (PPI), um dos quais já licitado em 21 de outubro, em Palmeirópolis (TO), tendo a Perth Recursos Minerais como vencedora, com a proposta de porcentual de royalty de 1,71% sobre a receita bruta mensal, além de R\$ 15 milhões em bônus de assinatura, valor a ser pago em três parcelas (R\$ 1,5 milhão na assinatura do contrato, R\$ 6 milhões durante o período de pesquisa e R\$ 7,5 milhões na concessão de lavra). "Trata-se de um projeto-piloto, que exigirá pesquisas complementares, com potencial para 6,0 milhões de toneladas de minério, como zinco, cobre e chumbo contido", adianta Remédio. O investimento fixo está previsto em R\$ 255,0 milhões, prevendo-se a geração de 2,5 mil empregos. Até o final de 2019 deverá ser publicado edital para exploração de cobre e cobalto em Bom Jardim. A lista inclui ainda dois projetos, previstos para 2020, em Santa Fé de Goiás e Morro do Engenho, em Montes Claros, ambos em Goiás, com potencial para níquel e cobalto.

A briga por recursos para inovação

O Conselho Temático de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (CDTI) lutou neste ano para preservar a destinação constitucional de 3,25% da receita líquida ajustada do Estado para a área de ciência e tecnologia, porcentual distribuído entre Universidade Estadual de Goiás (UEG), com 2,0%; Fundo Estadual de Ciência e Tecnologia (Functec), com 0,5%; Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (Fapeg), com mais 0,5%; e pesquisa e difusão tecnológica (0,25%).

Os projetos de ciência e tecnologia, portanto, deveriam receber algo como 1,25% das receitas. Em meio à definição



 Heribaldo Egídio no 1º Encontro do Ecossistema Goiano de Inovação: movimento para tornar o Estado um protagonista nesta área

de medidas na área fiscal para reequilibrar as contas do Estado, no entanto, uma das propostas determinava que o porcentual destinado à ciência e tecnologia, à Fapeg e atividades de pesquisa e difusão tecnológica, incluindo o setor agropecuário, fosse de até 1,25%, abrindo espaço para a destinação de menor volume de recursos ao setor. Além de trabalhar para preservar a destinação orçamentária inscrita na Constituição estadual, afirma Heribaldo Egídio, presidente do CDTI, foi lançado ainda o movimento Aliança pela Inovação, iniciativa conjunta da Fieg e do Sebrae Goiás.

Com apoio de 40 instituições que trabalham na área de fomento à ciência, pesquisa e tecnologia no Estado, o movimento pretende tornar Goiás protagonista do ecossistema de inovação no Centro-Oeste e um dos líderes nessa área em todo o País, a exemplo de iniciativa semelhante levada adiante por Santa Catarina desde 2017, com participação da Federação das Indústrias (Fiesc). No ranking da Fede-

ração das Indústrias do Estado do Ceará (Fiec), Goiás está classificado como o segundo em inovação no Centro-Oeste e o décimo no País.

Em agosto, como parte desse movimento, a Fieg promoveu, em conjunto com o Sebrae Goiás, o 1º Encontro do Ecossistema Goiano de Inovação, com apoio da Fundação de Desenvolvimento de Tecnópolis (Funtec) e da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg). Participaram do evento o presidente da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), Leonardo Euler de Morais, e o secretário substituto de Empreendedorismo e Inovação do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), José Mário Campagnolo, além da diretora de Inovação da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Gianna Sagazio, do presidente da Fieg, Sandro Mabel, do reitor da Universidade Federal de Goiás. Edward Madureira Brasil, parlamentares e representantes do governo do Estado.

A iniciativa foi o resultado dos esforcos



 Célio Eustáquio, presidente do Coinfra: esforços redobrados para ajudar a melhorar a qualidade da infraestrutura no Estado



José Luís Salas Rincón, presidente da Enel Distribuição Goiás: meta é atender toda a demanda reprimida até 2022

desenvolvidos por um comitê específico, criado dentro do CDTI, para desenvolver o projeto e buscar aproximação entre os setores empresarial e acadêmico, o universo de startups do Estado e todo o ecossistema de inovação. "Entendemos que a inovação não pode mais ser encarada como um custo, mas como um investimento prioritário e necessário. Essa é a noção que deve estar na cabeça dos empresários", sustenta Egídio.

Participam do ecossistema da inovação associações de classe, federações setoriais, tanto da indústria, quanto do comércio e da área de serviços, universidades, institutos e centros de pesquisa, o Sistema S, organizações sociais e setor público (Executivo e Legislativo), além da Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI), dos 35 sindicatos vinculados à Fieg, da Fecomércio, da Faeg. Esses setores firmaram um acordo de cooperação mútua, que praticamente tenta reeditar em Goiás experiência semelhante à catarinense. "Nosso projeto contempla o planejamento de ações de inovação, incluindo todas aquelas organizações, com compromissos objetivos para cada um dos agentes, o que deve gerar procedimentos e atividades que serão trabalhadas pelo

ecossistema", detalha Egídio.

Energia, ferrovia e estradas

O Conselho Temático de Infraestrutura da Fieg (Coinfra), presidido por Célio Eustáquio de Moura, redobrou seus esforços para ajudar a promover a melhora na qualidade da infraestrutura em Goiás, com objetivo de assegurar maior competitividade à indústria regional. O conselho mobilizou agentes privados e públicos ao longo do ano, em reuniões, apresentações e seminários para debater caminhos para estimular o investimento no setor, além de participar de audiências públicas para debater assuntos regulatórios.

Fonte de preocupação do setor empresarial, a questão da energia foi um dos temas que demandou a atuação do Coinfra. Entre outros encontros promovidos nos últimos meses, em outubro o conselho recebeu o novo presidente da Enel Distribuição Goiás, José Luís Rincón, que fez um balanço dos investimentos programados pela concessionária em 2019 e apresentou o plano de trabalho a ser executado até 2022, considerando o acordo firmado com a Agência Nacional de Energia Elétrica

(Aneel), o Ministério de Minas e Energia e o governo de Goiás. O objetivo é ter 100% das conexões novas e de backlog cobertas até 2022, incrementar em 706 MVAr a capacidade de rede adicional até 2023 e atender 100% da demanda reprimida coberta até 2022, com esforço adicional no próximo ano para resolver 68% dos requisitos do regulador.

Em concorrida reunião realizada em outubro, com a participação de representantes do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit) e da Agência Goiana de Infraestrutura e Transportes (Goinfra), foi criado um grupo de trabalho especificamente para tratar da questão dos licenciamentos ambientais. O grupo terá apoio técnico da Fieg para desenhar propostas de atualização, racionalização e modernização da legislação ambiental nas esferas estadual e federal, incorporando as sugestões a projetos que hoje já tramitam na Assembleia Legislativa de Goiás e no Congresso Nacional. Entre outros objetivos, busca-se principalmente dar celeridade e racionalidade aos processos de licenciamento ambiental.

De acordo com o superintendente do Dnit Goiás, Volnei Freitas, perto de R\$ 630

CAPA | Balanço 2019

milhões estão aprovados para obras de melhoria da malha rodoviária federal no Estado, mas a execução dos projetos depende da liberação de licenças pelo órgão ambiental estadual. Os recursos incluem obras nas BRs 070, 080 e 158, beneficiando os trechos que cortam os municípios de Aragarças, Itapirapuã, Cocalzinho, Itaguari, Caiapônia e Luiz Alves. Entretanto, a demora nas avaliações ambientais e as divergências quanto às exigências dos órgãos licenciadores vêm prejudicando o andamento e a continuidade das obras. Segundo Freitas, em alguns casos o processo de licenciamento já se arrasta há 18 anos.

Também entre os assuntos tomados com prioritários pelo Coinfra, a infraestrutura ferroviária tem sido alvo de diversas reuniões. Na mais recente, ocorrida em novembro, o conselho promoveu encontro entre os presidentes da Rumo Logística, Júlio Fontana Neto, e da Brado Logística, Marcelo Saraiva, além do diretor de logística da Rumo, Pedro Palma. A Rumo venceu a licitação da concessão do trecho de 1,537 mil quilômetros da Ferrovia Norte-Sul (FNS) entre Porto Nacional (TO) e Estrela D'Oeste (SP), e a Brado é sua subsidiária na área de movimentação de contêineres.

Os planos da Rumo envolvem um investimento em torno de R\$ 2,8 bilhões na FNS, destinados à conclusão das obras, ao desgargalamento da via e à sua escalabilidade, prevendo ganhos de eficiência para a operação. A previsão é de que os primeiros comboios, envolvendo o transporte de grãos, açúcar, fertilizantes, granéis líquidos, minérios e contêineres, deverá começar a percorrer a ferrovia por volta de julho do próximo ano.

Célio Eustáquio espera que o início da operação possa ser antecipado e projeta redução nos custos logísticos de até 40%. "O início da operação traz competitividade para o que é produzido em Goiás, além de gerar uma modicidade tarifária que vai estimular a vinda de empresas interessadas em montar sua produção em Goiás,"



Conselho Temático de Infraestrutura da Fieg debate situação da energia, da Ferrovia Norte-Sul e das estradas no Estado: investimentos e a lentidão dos processos de licenciamento ocupam espaço na pauta da reunião realizada no final de outubro

avaliou. O Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado de Goiás (Sindirepa) realizou seu primeiro projeto dentro do Procompi, em busca de agregar maior qualidade na prestação de

serviços automotivos com implantação de boas práticas de gestão e de qualidade, além de adequação a requisitos da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

TRÊS ÁREAS, TRÊS FOCOS

Prosseguindo em suas atividades, a Câmara da Indústria da Construção da Fieg (CIC) convocou a Enel Distribuição no começo do ano para prestar esclarecimentos a respeito da nova orientação para prestadores de servicos, num encontro que reuniu os sindicatos das Indústrias de Produtos de Cimento (Sinprocimento) e das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás (Simelgo) para discutir as novas especificações para fornecimento, respectivamente, de postes de concreto e transformadores. O assunto deve ter ainda desdobramento com a previsão de um seminário com a operadora sobre o mesmo tema.

O Conselho Temático de Responsabilidade Social (Cores) promoveu seminário sobre educação inclusiva, realizou a quarta edição do Dia da Inclusão da Pessoa com Deficiência do Mercado de Trabalho e a 1ª Conferência sobre a Empregabilidade da Pessoa com Deficiência. Entre outras atividades, o conselho ainda colocou em execução do Projeto Refletir, destinado à capacitação de conselhos de políticas públicas e de defesa de direitos.

Em outra área, o Comitê de Silvicultura do Conselho de Agronegócio da Fieg realizou um seminário nacional sobre políticas públicas para o desenvolvimento florestal no Estado e promoveu reunião entre o Grupo Gestor de Silvicultura de Goiás com o superintendente do Banco do Brasil, Felipe Zanella, para discutir a oferta de linhas de crédito para o setor no Estado.

AVANÇOS COM O PROCOMPI

As etapas mais recentes do Programa de Apoio à Competitividade das Micro e Pequenas Indústrias (Procompi), desenvolvido em parceria entre Confederação Nacional da Indústria (CNI), Fieg e Sebrae Goiás, beneficiaram em torno de seis dezenas de empresas dos setores de reparação de veículos, panificação e alimentos. Em todas essas empresas, a ideia era ganhar competitividade, adequar processos e procedimentos, com foco na área de segurança e saúde, padronizar produtos, melhorar controles, ocupar novos espaços no mercado e ampliar os resultados operacionais.

Os objetivos foram alcançados, com destaque para as empresas Natuvale, Santo Antônio e Dellicata, do segmento de panificação, Helcar e Rivel, de reparação de veículos, Vovó Nice e Búfalo Forte, da área de alimentação.

Segundo o presidente do Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado de Goiás (Sindirepa), Alysson José Nogueira, o setor realizou seu primeiro projeto dentro do Procompi em busca de agregar maior qualidade na prestação de serviços automotivos com implantação de boas práticas de gestão e de qualidade, além de adequação a requisitos da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Perto de 20 micro e pequenas empresas da Região Metropolitana de Goiânia, em parceria com o Sindicato das Indústrias de Panificação e Confeitaria no Estado de Goiás (Sindipão), também participaram do Procompi. O propósito, nessa área, é promover ganhos de competividade e reforçar a capacidade de inovação do setor de panificação e confeitarias. Num terceiro projeto, agora tendo o Sindicato das Indústrias de Alimentação no Estado de Goiás (Siaeg) como parceiro, o foco foi a promoção de adequações em mais 20 empresas do setor para o atendimento de requisitos de controle de alergênicos segundo as normas da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa).



 Procompi em ação na empresa Natuvale: ganhos de eficiência e produtividade na indústria de alimentação



Alysson José
 Nogueira, presidente
 do Sindirepa:
 programa trouxe
 melhora na qualidade
 dos serviços prestados,
 maior organização e
 ganho de receitas





Um ponto de referência

Engenheiro de produção, Alessander de Araújo Sousa assumiu o comando da Coordenação Técnica da Fieg (Cotec) na primeira semana de novembro com a missão de reposicionar o setor e reestruturar sua atuação. "Queremos que a Cotec seja um ponto de referência para todas as indústrias, para a sociedade, para todo o Estado", afirma. Ainda em dezembro, a Cotec esperar concluir um estudo mapeando todas as empresas que recebem incentivos fiscais no Estado, assim como seu impacto sobre a atividade econômica, o emprego, a renda e, como consequência, sobre a arrecadação de impostos.

Goiás Industrial - O que muda na Cotec daqui para frente?

Alessander de Araújo Sousa – Pela própria estrutura regimental, a Cotec tem por obrigação apurar e apresentar indicadores econômicos, de infraestrutura, toda essa parte que envolve informações das quais as indústrias necessitam para melhor acompanhar e monitorar seu negócio e seus mercados. A Fieg deve estar preparada para ter ferramentas que permitam às indústrias serem mais bem atendidas e ainda para oferecer um serviço melhor para toda a sociedade. Vamos trabalhar intensamente para que possamos oferecer amplo cardápio de indicadores na questão da inovação, da infraestrutura, do meio ambiente, da economia em geral, questões tributárias, legislativas. A ideia é termos todas as informações, com indicadores, para apresentar aos industriais. E temos de antecipar esse conjunto de dados para o setor. Dessa forma, poderemos indicar, por exemplo, os locais mais indicados para a instalação de determinada indústria. No caso da mineração, deveremos estar preparados para informar um histórico de dados sobre a produção estadual, em outro exemplo. A proposta é que a Fieg tenha, daqui para frente, um banco de dados atualizado. Quero que a federação tenha nas mãos informações antecipadas, com indicadores, com



VAMOS TRABALHAR INTENSAMENTE
PARA QUE POSSAMOS OFERECER UM AMPLO
CARDÁPIO DE INDICADORES NA QUESTÃO
DA INOVAÇÃO, DA INFRAESTRUTURA, DO
MEIO AMBIENTE, DA ECONOMIA EM GERAL,
QUESTÕES TRIBUTÁRIAS, LEGISLATIVAS"

números para poder informar sobre tudo o que acontece em nosso Estado nas áreas de interesse da indústria.

Goiás Industrial - A ideia é fornecer essas informações para que as empresas possam tomar suas decisões estratégicas de uma forma mais assertiva?

Araújo - Exatamente. Para isso, vamos investir em pesquisa, em tecnologia, em busca de melhorias técnicas para elevar o nível de prestação de serviço da Cotec. A estrutura da Cotec inclui 12 conselhos temáticos, três câmaras, cobrindo as áreas de economia, inovação, legislativo, tributação, meio ambiente, infraestrutura, agronegócio, mineração. As informações, de certa maneira, deverão estar à disposição de todas as áreas de forma mais imediata. Vou dar um exemplo. No caso da energia, teremos de poder informar qual era a situação do serviço há cinco anos para poder comparar

com o que se verifica atualmente. Muitos hoje têm criticado a Enel, mas não se compara com o quadro observado anteriormente. Não há dados precisos. Esse é um dos focos de nosso trabalho na Cotec: trazer a informação, com dados reais, formatados com fidelidade, por meio de pesquisas, e apresentá-los de forma clara aos interessados. Nossa equipe vai trabalhar para antecipar análises e apontar reflexos de todas as reformas que vêm sendo aprovadas e propostas na área federal. Queremos que a Cotec seja um ponto de referência para todas as indústrias, para a sociedade, para todo o Estado. Isso vai exigir tempo e investimentos.

Goiás Industrial - Há previsão de alterações na estrutura da coordenação?

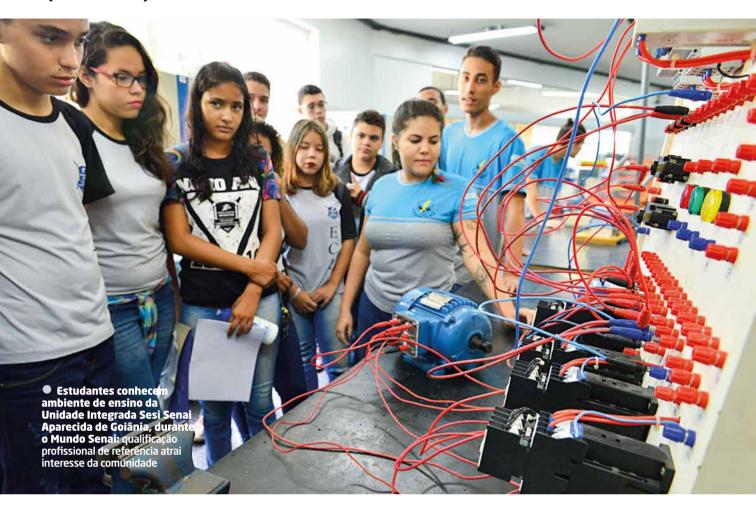
Araújo - Isso deve ocorrer com o tempo e dependerá de conseguirmos trazer investimentos visando ao aparelhamento dos conselhos e das câmaras setoriais e à realização de pesquisas mais avançadas. Assim, a proposta é aprimorar a estrutura já implantada.

Goiás Industrial - O que se pode antecipar para 2020?

Araújo - A pretensão, até o final do próximo ano, é que a Cotec tenha um quadro funcional pronto para auxiliar na atração de novos negócios para o Estado. De forma mais imediata, queremos poder apresentar um estudo sobre quais setores e ramos de atividade com maior potencial para atrair indústrias e isso será passado para o governo do Estado de forma a orientar a política de atração de investimentos, mostrando ainda onde e quais as dificuldades para atrair novos negócios. O que estamos vendo agora? Com essa questão do corte de incentivos fiscais, estamos perdendo empresas. O que se pode fazer para reverter isso? O estudo pretende apresentar alternativas com base em dados técnicos. Estaríamos, no caso, utilizando o pessoal da área de tributação. Estamos já levantando todas as empresas que possuem benefícios fiscais, assim como os reflexos desses benefícios para o Estado. Assim que o trabalho estiver concluído, o que está previsto para os primeiros dias de dezembro deste ano ainda, com certeza iremos apresentar ao governo do Estado, à Assembleia Legislativa. Vamos igualmente aferir os reflexos para a economia estadual, para o emprego, para a renda, no caso de perdermos essas empresas que têm esses incentivos. O Estado argumenta que perde receita ao conceder esses benefícios, mas, por outro lado, está sendo favorecido aqui porque a sociedade está sendo beneficiada, está gerando renda e essa renda movimenta o sistema econômico do Estado. Até o final de 2020, queremos já ter reestruturado a Cotec e colocado propostas para facilitar novos negócios no Estado.●



QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL



O MAIS LEMBRADO DO POP LIST - PARTE 12

À semelhança da indústria cinematográfica, com intermináveis sequências de filmes de sucesso, a história do Senai se repete, pelo 12º ano consecutivo, como líder absoluto do estudo de mercado de O Popular, agora feito pelo Ibope

Andelaide Lima e Dehovan Lima

aixão à primeira vista desde 2008, ano em que estreou com vitória na 16ª edição do Pop List, o Senai consolidou este ano – com conquista pela 12ª vez consecutiva – o título de marca mais lembrada do segmento Curso Profissionalizante na pesquisa de mercado do jornal O Popular, que chegou a 27 anos medindo o grau de fixação na mente do consumidor das marcas de produtos e empresas de diversos segmentos econômicos.

No levantamento, que em 2019 passou a ser feito pelo instituto de pesquisas Ibope Kantar Millward Brown do Brasil, com atuação no País e mais onze vizinhos na América Latina, a instituição do Sistema Fieg mantém-se no topo do ranking da qualificação profissional na categoria AB Premium, integrando seleto grupo em 48 segmentos, abrangendo Goiânia e Região Metropolitana.

O prêmio foi entregue no final de outubro, em festa no CEL da OAB, com participação de mais de 600 convidados, entre empresários, publicitários, diretores do Grupo Jaime Câmara e lideranças re-

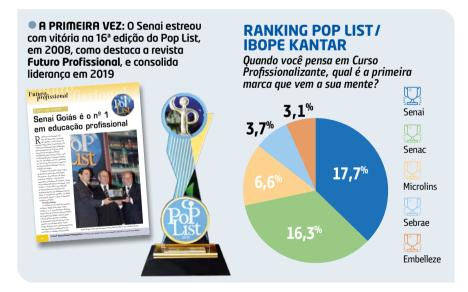


• NO PÓDIO DO POP LIST: Antônio Almeida, vice-presidente da Fieg, e Paulo Vargas, diretor regional do Senai, recebem troféu de Victor Andrade (TV Anhanguera) ao lado de diretores de unidades, gerentes e assessores

gionais. O vice-presidente da Fieg Antônio Almeida representou o Sistema Indústria, ao lado do diretor regional do Senai, Paulo Vargas, gerentes, diretores de unidades e assessores.

DESAFIO - Reflexo da qualidade dos serviços e produtos oferecidos pelo Senai no campo da educação profissional e da inovação tecnológica, o resultado é comemorado em meio ao desafio de qualificar, até 2023, quase 323 mil trabalhadores para atender à demanda das indústrias em Goiás. Os dados são do Mapa do Trabalho Industrial, elaborado pelo Senai Nacional para subsidiar a oferta de cursos da instituição. De acordo com a pesquisa, as áreas de energia e metalmecânica estão entre as que mais vão exigir capacitação de técnicos no Estado.

Na série histórica, desde o primeiro ano da conquista do Pop List, em 2008, o Senai Goiás ampliou em 180% o número de profissionais qualificados para o mercado de trabalho, saltando de 61.737 para 173.042



matrículas – da aprendizagem industrial até a pós-graduação – em 2018.

O ano de 2007 marca também a implantação pelo Senai e Sesi do Sistema de Gestão da Qualidade, certificado pela NBR ISO 9001:2008, igualmente mantido até hoje.

Investimento em tecnologia e parceria com Sesi potencializam atendimento à indústria

Diante do desafio de suprir a crescente procura por profissionais qualificados pela indústria, o Senai investe na ampliação

QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

e melhoria contínua de seus ambientes de ensino, com foco na modernização e atualização tecnológica. A instituição desenvolve também várias ações em parceria com o Sesi para potencializar o atendimento e promover a proximidade entre alunos e o setor produtivo, para "encantar a indústria", segundo estratégia recomendada pelo presidente da Fieg e dos Conselhos Regionais do Sesi e Senai, Sandro Mabel, de oferecer uma educação cada mais diferenciada e formar profissionais mais qualificados para as empresas, com perfil voltado às demandas da Indústria 4.0. "A indústria precisa de talentos. Nosso objetivo é fazer da rede de ensino Sesi/ Senai a maior escola de educação de Goiás, com sustentabilidade, e nossos alunos já dão demonstrações do ensino diferenciado ao conquistar competições internacionais de robótica", destaca.

PORTFÓLIO - Com 67 anos de atuação em Goiás, o Senai oferece atualmente cerca de 450 tipos de cursos, que vão desde a iniciação profissional, qualificação e aperfeiçoamento, passando por cursos técnicos de nível médio até a formação superior (graduação tecnológica e pós-graduação). O portfólio abrange também a oferta de cursos de educação a distância.

Além da programação básica definida, o Senai desenvolve inúmeros outros cursos montados sob encomenda para atender a necessidades específicas das empresas. As aulas, definidas em conjunto com a indústria, podem ser realizadas nas instalações da própria empresa ou em alguma escola e unidade móvel do Senai.

A rede de unidades fixas da instituição é formada por 3 faculdades e 13 escolas, instaladas em Goiânia, Anápolis, Aparecida de Goiânia, Rio Verde, Quirinópolis, Mineiros, Jataí, Itumbiara, Catalão, Niquelândia, Minaçu e Barro Alto, além de núcleos implantados em Senador Canedo, Anápolis, Goianésia, Formosa, Luziânia, Trindade, Jaraguá, Pires do Rio e Alto

Horizonte. Várias delas atuam de forma integrada com o Sesi.

A interiorização das ações é dinamizada por meio de parcerias com empresas, sindicatos, associações e prefeituras, além do trabalho desenvolvido por unidades móveis.

De Goiás para o México, qualificação tipo exportação

É esse modelo de ensino-aprendizagem que chama atenção até mesmo fora do País. Em busca de parcerias para realização de atividades de formação profissional destinadas a fortalecer o parque industrial local, autoridades mexicanas do Estado de Guanajuato estiveram em Goiânia e em Anápolis, no mês de movembro, conhecendo as ações desenvolvidas pela Fieg, pelo Sesi, Senai e IEL para o setor empresarial goiano. Localizado no centro do país, Guanajuato, com capital do mesmo nome, tem indústria baseada principalmente nos segmentos automotivo/autopeças, calçados e curtume, têxtil, petroquímica e agronegócio.

Acompanhados pelo especialista da Gerência Executiva de Relações Internacionais do Senai Nacional, Gustavo Rosa, o subsecretário de Emprego e Formação Laboral, Juan José Álvarez Brunel, e o diretor de Programas do Serviço Nacional de Emprego, Marco Antônio Morales Garcia, ambos da Secretaria de Desenvolvimento Econômico Sustentável de Guanajuato, visitaram as unidades Senai Ítalo Bologna e Vila Canaã, e os institutos de tecnologia em Alimentos e Bebidas e o de Automação, em Goiânia, e a Faculdade Senai Roberto Mange, em Anápolis.

"O Senai é referência mundial em qualificação profissional, possui uma metodologia exitosa de ensino. Viemos conhecer de perto os produtos e serviços desenvolvidos pela instituição e encontrar formas de trabalhar em colaboração para atender de maneira mais eficiente às demandas de nossas indústrias", explicou Juan José Álvarez Brunel. ◆

 Comitiva mexicana conhece serviços prestados à indústria pelo Instituto Senai de Automacão, em Goiânia





SESI E SENAI LEVAM SERVIÇOS A MAIS DE 9 MIL EMPRESAS EM 104 CIDADES

Com ações cada vez mais integradas, instituições do Sistema Fieg atendem indústrias e comunidade com Educação Básica e Educação Profissional e Tecnológica, Saúde e Segurança do Trabalho, entre outras áreas

Dehovan Lima Fotos: Alex Malheiros a contramão da crise econômico-financeira do País, que afeta investimentos e oferta de empregos, o Sesi e o Senai em Goiás fecham 2019 com números expressivos em suas respectivas áreas de atuação em atendimento à indústria no Estado. As instituições do Sistema Fieg marcaram presença em 104 municípios, dos quais 92 em Goiás, onde atenderam mais de 9 mil empresas – a grande maioria (83%) do segmento industrial –, de acordo com números preliminares de produção registrados pela Gerência de Planejamento e Controle.

No caso do Senai, cuja oferta de educação profissional em diversas modalidades sofre reflexo direto da desaceleração de investimentos e do crescimento do índice de desemprego, ainda assim a instituição deverá atingir a meta anual de 120.500 matrículas – até outubro o número era de 107.114. Destaque na programação, a estimativa para cursos técnicos e ensino superior (graduação tecnológica e pósgraduação) é de, respectivamente, 13.587 e 1.903 matrículas. Segundo a área técnica do Senai, esses números sinalizam possível retomada da atividade econômica.

BALANÇO

em meio à previsão de especialistas, que já falam em um "apagão" de mão de obra.

A capacitação de técnicos, sobretudo nas áreas de energia e metalmecânica, deverá ser uma das principais demandas da indústria no Estado, que precisará até 2013 de quase 323 mil trabalhadores, de acordo com o Mapa do Trabalho Industrial, elaborado pelo Senai Nacional para subsidiar a oferta de cursos da instituição.

Além da rede de unidades instaladas estrategicamente nos principais polos produtivos do Estado, unidades e ações móveis, parcerias com empresas e entidades potencializaram o atendimento tanto do Sesi quanto do Senai. São exemplos destacados nesta edição da **Goiás Industrial** parcerias com a Enel Distribuição Goiás (páginas 42 e 43) e Friato Alimentos (páginas 44 a 46).

Instalado na Escola Senai Vila Canaã, em Goiânia, o Instituto Senai de Tecnologia em Alimentos e Bebidas foi acreditado pelo Inmetro em 17 métodos de ensaios microbiológicos e físico-químicos. Com a conquista, o instituto passa a usar o selo do Inmetro que reconhece sua competência nas atividades de ensaios, inclusive internacionalmente.

Robótica do Sesi e o chiclete de pimenta que encantou o mundo

A conquista do Torneio Aberto de Robótica de West Virgínia, disputado em julho na Universidade da Nasa, agência espacial dos Estados Unidos, foi seguramente o grande destaque da Educação Básica oferecida pelo Sesi em Goiás, que fecha 2019 com 9.135 alunos matriculados em Educação Infantil e Ensino Fundamental na rede de unidades no Estado.

A invenção por alunos do Sesi Canaã, em Goiânia, da goma de mascar à base de pimenta capaz de atenuar o transtorno alimentar dos astronautas, batizada com o criativo nome de Chiliclete (mistura de



É CAMPEÃO! Time Gametech, de alunos do Sesi Canaã, é recebido com muita festa no Aeroporto Santa Genoveva, em Goiânia, após conquistar o mundo com a goma de mascar de pimenta

pimenta em inglês com chiclete), ganhou lugar especial na pesquisa científica pela valiosa contribuição no desenvolvimento de produtos de grande valor para a humanidade pelo caráter inovador. A experiência garantiu o 1º lugar geral da competição, com a equipe Gametech Canaã superando times de 12 países e ainda ficando em 2º na categoria Desafio do Robô.

No Brasil, além de ampla repercussão na imprensa, com direito a matéria no *Jornal Nacional*, da Rede Globo, pelo feito os estudantes do Sesi receberam certificados da Agência Espacial Brasileira (AEB), em Brasília. "O trabalho desses jovens, seus professores e das escolas que apoiaram é notável, porque eles fizeram isso com iniciativas próprias", disse o presidente da AEB, Carlos Moura, ao homenagear os campeões. Eles foram ainda recebidos em audiência no Palácio do Planalto, em agosto, pelo presidente Jair Bolsonaro e o ministro de Ciências e Tecnologia, Ino-

vações e Comunicações, o ex-astronauta Marcos Pontes, que provaram e destacaram o Chiliclete.

Na temporada *into orbit* (em órbita), encerrada em 2019, alunos do Sesi Goiás já haviam sido premiados, em abril, no Mundial de Robótica de Houston, também nos EUA. As conquistas foram assunto de capa da edição de agosto da revista **Goiás Industrial**, na reportagem *A 'viagem espacial' dos meninos do Sesi*.







 NOVO ENSINO MÉDIO: ambientes diferenciados e protagonismo dos alunos no aprendizado

Do novo ensino médio à EJA Profissionalizante

Experiência pedagógica em que os estudantes são protagonistas do aprendizado, em escolas onde as disciplinas são integradas, a matemática é ensinada por meio de jogos e músicas como rap e os estudantes são avaliados por habilidades, e não por provas, o novo ensino médio foi implantado de forma pioneira em Goiás na Unidade Integrada Sesi Senai Aparecida de Goiânia, em 2018.

Diante dos bons resultados, em 2019 mais quatro unidades – Unidade Integrada Sesi Senai Jardim Colorado, Campinas, Canaã e Catalão – passaram a vivenciar essa realidade, em que é colocado em prática na sala de aula o que preconiza a nova Lei do Ensino Médio, com a implementação de um currículo organizado por áreas de conhecimento e não por disciplinas, totalmente contextualizado à realidade dos estudantes e integrado à formação técnica e profissional. O formato permite aos estudantes iniciar mais cedo

a vida profissional e aplicar no mundo do trabalho o que é ensinado na sala de aula.

Em outra experiência de sucesso, a EJA Prossionalizante (Educação de Jovens e Adultos), em que efetivou no ano 3.282 matrículas, o Sesi amplia o atendimento a indústrias com bons resultados, a exemplo da experiência na Friato Alimentos, em Pires do Rio (*leia nas páginas 44 a 46*).

Da saúde e segurança do trabalho à doação de sangue

Na área de saúde e segurança do trabalho, em que é uma das marcas mais lembradas no Top of Mind 2019 da revista Proteção, o Sesi Goiás atendeu 840 empresas durante o ano, beneficiando mais de 88 mil pessoas em contratos de SST, 60,9 mil vacinas e 45,5 mil pessoas no programa Sesi Ginástica na Empresa.

Encampada por todo o Sistema Fieg e parceiros, a Campanha Sesi e Senai Doe Sangue, Doe Vida percorreu, entre maio e novembro, várias unidades em Goiânia. Aparecida de Goiânia e Anápolis, fechando o ano com mil bolsas coletadas, meta estabelecida pelo presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás, Sandro Mabel, cuja expectativa é acabar com o déficit de sangue em Goiás, problema recorrente na área da saúde.◆



O trabalho desses jovens, seus professores e das escolas que apoiaram é notável, porque eles fizeram isso com iniciativas próprias"

CARLOS MOURA, presidente da AEB



CRESCIMENTO EM DOBRO, ÂNIMO REDOBRADO NO IEL

Às vésperas de completar 50 anos, Instituto finaliza ano com mais de 7 mil pessoas beneficiadas no IEL em Ação, grandes consultorias, mais parceiros, novos produtos e maior engajamento nas redes sociais

Sérgio Lessa

esmo com a estagnação da economia nacional nos últimos anos, o Instituto Euvaldo Lodi (IEL Goiás) termina o ano com crescimento da ordem de 15% em geração de receita, comparado a 2018. O índice alcançado em 2019, que já vinha em crescimento nos últimos anos, é o dobro do planejamento para o período, resultado que levam o instituto, às vésperas de completar 50 anos, a vislumbrar um 2020 de muito sucesso.

"Este foi um ano difícil para todos, com recuperação bem lenta da economia, o que dificulta a atuação no mercado de forma mais presente, até pela dificuldade das empresas. Mesmo assim, o IEL teve um desempenho superior ao de 2018 em termos de geração de receita. Melhoramos nosso desempenho em vendas e em

resultados", salienta o superintendente do IEL Goiás, Humberto Rodrigues. "Nossa expectativa é de melhoria de cenário em 2020, com crescimento da economia e do investimento das indústrias para estarmos junto delas contribuindo com o desenvolvimento, ofertando produtos que sejam aderentes à necessidade de cada uma delas", acrescenta.

Carro-chefe do IEL Goiás desde 1970, o estágio apresentou em 2019 um faturamento 20% maior se comparado a 2018. Com média de 25 mil novos alunos cadastrados no Sistema Nacional de Estágio (SNE), nos últimos anos, o IEL colocou em campo de estágio, em 2019,

mais de 20 mil alunos. O Instituto, que além de encaminhar estagiários e jovens aprendizes, ainda apresenta ferramentas para prepará-los, mantém índice de 70% de efetivação dos estagiários nas empresas. Apenas neste ano, 250 novas empresas foram cadastradas na base de dados do Instituto, que também contou com mais 170 instituições de ensino entre seus parceiros.

Uma das prioridades do IEL é democratizar as oportunidades. Idealizado em 2017, o IEL em Ação aproxima seus serviços da população, oferecendo gratuitamente capacitações, oficinas, entrevista de emprego/ estágio simulada e brindes. Em 2019, quando foram realizadas cinco edições, com mais de 7 mil atendimentos ao público, o evento chegou a 15 mil pessoas atendidas ao longo de dez edições.

A novidade deste ano foi a realização de duas edições no interior: Anápolis e Rio Verde, que reuniram mais de 2 mil pessoas. Luziânia, destaque no estágio entre as cinco unidades do interior, com 3 mil novos alunos em campo em 2019, deve receber sua primeira edição do IEL em Ação em 2020.

A busca incessante pela inovação, pela assertividade e agilidade nos processos faz com que o IEL crie soluções de dentro para fora, facilitando o cadastramento e todo o processo que envolve alunos, empresas e instituições de ensino. Tudo é feito eletronicamente sem que as partes precisem se deslocar. Além disso, todo o processo ficou mais ágil com a implantação da tecnologia RPA (Robotic Process Automation), sigla em inglês para definir automação de processos de negócios. O novo produto desenvolvido pelo IEL, é uma espécie de funcionário virtual chamado A.R.IEL (Assistente Robotizado do IEL), que presta serviços na área de processos.

"A Robotização de Processos começou internamente para atender nossa demanda e acabou virando produto para mercado.



■ Tarciana Nascimento, gerente de Desenvolvimento Profissional do IEL Goiás, acompanha edicão do IEL em Acão

Também estamos consolidando o IEL como entidade referência nesse produto, levando nosso case de sucesso a outros regionais também. Agora, estamos agregando valor, com parcerias que possam trazer para nosso produto a Inteligência Artificial", explica Humberto Oliveira.

IOVEM APRENDIZ

O Programa Jovem Aprendiz também continuou sua trajetória de sucesso. Em 2019, o IEL cuidou da gestão de folha mais de 500 novos aprendizes, colocando o mesmo número de jovens em qualificação, sendo quase 70% alocados nas indústrias. Atualmente, o programa tem mais de 700 jovens em campo, dos quais 33% apenas em Anápolis.

ENDOMARKETING

Em busca de proporcionar as melhores condições de trabalho para seus colaboradores, o IEL Goiás lançou seu programa de endomarketing em junho. Batizado Integralize, o projeto promove ações de reconhecimento dos profissionais que fazem a diferença na casa por meio da prática de valores no dia a dia de trabalho

NÚMEROS DO ESTÁGIO

- > 353 mil alunos cadastrados no Sistema Nacional de Estágio (SNE)
- > 25 mil novos alunos cadastrados no sistema por ano
- > 20 mil empresas cadastradas no IEL
- 2.351 instituições de ensino cadastradas na base de dados do IEL
- 26 mil vagas de estágio abertas em 2019
- ▶ 15 mil pessoas atendidas em dez edições do IEL em Ação



2019 EM ALTA



Desenvolvimento empresarial

Para provar que o IEL Goiás não é só estágio, em 2019, outras áreas se destacaram, a exemplo de Desenvolvimento Empresarial. Além de inúmeros contratos fechados com pesquisa e consultorias para 32 empresas com mais de 130 atendimentos durante o ano, o Programa de Desenvolvimento de Fornecedores (PDF Goiás), que já qualificou mais de 700 empresas em Goiás, fechou um contrato bastante expressivo com o Instituto de Assistência dos Servidores do Estado de Goiás (Ipasgo). Entre outros benefícios para os 184 hospitais credenciados – e, por consequência, para os 625 mil beneficiários do Ipasgo -, estão a criação de um selo de qualidade próprio e a permanente avaliação interna e da rede credenciada. O IEL fez o diagnóstico operacional para identificar as áreas que interferem nas operações da autarquia e fará o mapeamento das estruturas organizacionais e funcionais para reestruturação do organograma, das relações hierárquicas, das linhas de autoridade e da responsabilidade e dos procedimentos gerais de controle.

EDUCAÇÃO EMPRESARIAL

Neste ano, mais de 750 profissionais, entre gestores, colaboradores e empresários, foram capacitados pelos professores e instrutores especializados do IEL Goiás, em 20 cursos in company e outras 26 turmas de cursos abertos.

O IEL lançou duas turmas de especialização em Liderança em Transformação Digital e Indústria 4.0. Cada turma tem 26 alunos, que participam de aulas quinzenais, totalizando 392 horas de carga horária, distribuídas em 24 meses. Um dos módulos (40 horas) é realizado no Câmpus da Faculdade da Indústria, em Curitiba, e há outro de âmbito internacional (opcional), com mais 40 horas de imersão na Alemanha. O curso foi criado na Faculdade da Indústria, em Curitiba, e Goiás é

 Aula inaugural da especialização em Liderança para TD e Indústria 4.0, ministrada pelo professor José Renato Santiago, doutor em Engenharia de Produção pela USP

o primeiro Estado, fora o Paraná, a abrir turmas. Os alunos da especialização têm acesso a uma biblioteca virtual com cerca de 4,5 mil títulos atualizados referentes aos temas abordados.

"Para 2020, em parceria com faculdade da Indústria, ofertamos o Pós Unique, um MBA que pode ser presencial e à distância, com a facilidade de o cliente montar sua grade com os 30 módulos que o compõe, definindo o melhor conteúdo dentro dos sete temas disponíveis. Agregado a isso, teremos o Estágio de Pós Unique, no qual os alunos que façam pós possam estagiar em empresas parceiras, inclusive no custeio deste curso para atrair talentos", salienta o superintendente Humberto Oliveira.

Mundo virtual

Em 2019, o IEL investiu no mundo virtual e obteve bons resultados ao se aproximar ainda mais de seus clientes, levando informação, produtos e serviços pelos meios eletrônicos. A área de Relações com o Mercado passou por reformulação em sua metodologia de atuação. Entre outros resultados, foram desenvolvidos e-books e webinários com temas pertinentes a vendas e ao mercado de trabalho, disponibilizados gratuitamente por meio das redes sociais do IEL Goiás. No primeiro webinário – Líder de Transformação Digital: Profissionais do futuro –, foram 4,5 mil visualizações no Youtube. As redes sociais do IEL também 'bombaram" neste ano, com bons resultados no engajamento dos internautas. Em julho, o IEL Goiás bateu a marca dos 10 mil seguidores no Instagram (ielgo) – atualmente, o número já passa dos 13 mil seguidores. Nos 12 meses anteriores, a taxa de engajamento no perfil do IEL Goiás havia crescido cerca de 900%, permitindo receber o selo azul de conta verificada, o que garantiu ao perfil credibilidade e notoriedade. Novos artigos, com conteúdo elaborado por profissionais especializados, triplicaram a quantidade de visitas ao blog (blog. ielgo.com.br) em relação a 2018.

INOVAÇÃO

Em 2018, o IEL Goiás refez seu planejamento e mudou sua missão para Transformar pessoas e organizações por meio da inovação. "Esse é um trabalho que nós fizemos de forma bem acentuada ao longo de 2019, sempre com foco em atender nosso cliente", observa o superintendente do IEL Goiás, Humberto Oliveira.

A área de Inovação oferece aos clientes Consultoria em Gestão Integrada da

Inovação, Consultoria em Transformação Digital, Negócios Inovadores e Talentos para Inovação, como são gerados pelos programas Inova Talentos, Nexa Talentos, Inova Tec e Estagiário de Inovação.

Inovar em produtos, processos, modelos de negócio ou mesmo mercadologicamente é a única via de geração de competitividade. Mas é preciso estabelecer uma cultura que implemente mecanismos de inovação nas organizações. É onde entra o IEL que, em 2019, atendeu 65 empresas nos projetos Inove Indústria, Procompi, Nexa Talentos e Programa de Incubação UEG, além de 30 novas empresas cadastradas e de realizar 65 atendimentos por mês, totalizando 3.120 horas de consultoria em 2019. ◆





A postura dela pode dizer muito sobre a postura da sua empresa.

Ergonomia é no SESI.

Você sabia que a má postura e o mal uso dos equipamentos e mobiliários podem comprometer o bem-estar da sua equipe? Para prevenir isso, o SESI oferece a Consultoria em Ergonomia, que atende à NR 17.

PRINCIPAIS SERVICOS:

- Análise ergonômica do trabalho (Laudo Ergonômico)
- Técnicas e exercícios preventivos
- Capacitação e formação do COERGO (Comitê de Ergonomia)

SESI. SUA EMPRESA MERECE.





QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL COM REALIDADE VIRTUAL

Em busca de melhoria na qualidade do atendimento, Enel Distribuição Goiás potencializa possibilidade de treinamento ao instalar sala de realidade virtual no Senai

Andelaide Lima
Fotos: Alex Malheiros

m software simula o uso de equipamentos de proteção individual (EPI) no trabalho em campo. Profissionais eletricistas em treinamento ficam imersos em um cenário onde é possível vivenciar, sem riscos, as ações operacionais do dia a dia e identificar situações perigosas.

Você entrou na sala de realidade virtual para treinamento de colaboradores

da Enel Distribuição Goiás e de empresas parceiras, além de alunos do curso de eletricista de rede, instalada no Instituto Senai de Tecnologia em Automação, em Goiânia, como parte de parceria firmada em junho.

Com investimento de cerca de R\$ 28 mil e capacidade para atender até 20 pessoas simultaneamente, o objetivo é reforçar a cultura de segurança da Enel, um dos principais pilares da empresa em toda

sua operação, tanto com os funcionários quanto com os profissionais em formação.

A estrutura integra o Centro de Treinamento Avançado Senai Enel, em construção na Faculdade Senai Ítalo Bologna, para onde a sala será transferida em abril do ano que vem, quando as obras do novo complexo deverão ser finalizadas. A iniciativa faz parte das estratégias para melhoria no fornecimento de energia elétrica, um dos principais gargalos do setor produtivo, e da agenda de diretrizes do Sistema Fieg, que tem realizado diversas atividades para capacitação da mão de obra da Enel em todo o Estado. O assunto já havia sido alvo de reportagem na revista **Goiás Industrial**, edição de agosto/2019. (*Veja link abaixo*).





Treinamento sem riscos

"Essa é primeira sala de realidade virtual que inauguramos em parceria com o Senai e foi muito gratificante participar do projeto, que envolveu várias áreas do Grupo Enel. O equipamento de realidade virtual simula os dois principais riscos das atividades em campo – choque elétrico e trabalho em altura. Nosso propósito é qualificar mão de obra com foco nos procedimentos de segurança exigidos pela empresa", afirma Marcelo Paiva, engenheiro de Segurança do Trabalho da Enel,

Para Luís Fernando Roa, responsável por Desenvolvimento de Redes da Enel Distribuição Goiás, a entrega da sala de realidade virtual é mais um passo dado pela companhia para ampliar as possibilidades de treinamento e disseminação de conhecimentos em parceria com o Senai. "A instituição tem todas as competências técnicas em qualificação de profissionais para atender às demandas da empresa nas regiões em que atuamos. Com a nova estrutura, vamos reforçar a importância das medidas preventivas de segurança, usando inovação e tecnologia".

1,2 mil profissionais capacitados e 3,2 mil habilitados

Diretor da Faculdade Senai Ítalo Bologna, Dario Queija de Siqueira acrescenta que a parceria com a Enel visa contribuir com a melhoria dos serviços prestados pela companhia, com a preparação de recursos humanos capacitados. "O Senai está desenvolvendo várias ações de qualificação profissional articuladas com as reais necessidades da empresa. O objetivo é dar vazão às demandas apresentadas pela Enel para aumentar sua capacidade de atendimento e solucionar problemas de infraestrutura no fornecimento de energia elétrica", destaca Dario Queija, citando vários pátios didáticos (centros de treinamento) espalhados em unidades do Senai (Goiânia, Aparecida de Goiânia, Anápolis, Jataí, Catalão, Itumbiara, Niquelândia e Quirinópolis), dentro do esforço para agilizar a qualificação profissional de eletricistas.

A companhia investiu cerca de R\$ 500 mil nessas estruturas físicas e outros R\$ 2 milhões serão destinados nos próximos anos em cursos para capacitação de eletricistas. Segundo o gerente de Educação Profissional do Senai Goiás, Weysller Matuzinhos, aproximadamente 1.200 profissionais que atuam na Enel e em empresas parceiras participaram de reciclagem, abrangendo cursos de formação de eletricista, Norma Regulamentadora 10 e 35, direção defensiva e segurança na operação e manuseio de motosserras e moto-podas.

Além disso, o Senai realizou para a Enel um programa de avaliação para habilitação de acesso à rede, que consiste em provas prática e teórica, certificando 3.200 profissionais para o mercado. ◆

*Com informações da Assessoria de Comunicação da Enel Distribuição Goiás



6 O Senai tem todas as competências técnicas em qualificação de profissionais para atender às demandas da empresa nas regiões em que atuamos."

LUÍS FERNANDO ROA, responsável por Desenvolvimento de Redes da Enel Distribuição Goiás EDUCAÇÃO BÁSICA E PROFISSIONAL

AÇÃO INTEGRADA SESI E SENAI AJUDA EXPANSÃO DA FRIATO ALIMENTOS



Sesi e Senai vão aonde a indústria está e levam cursos personalizados, presenciais ou a distância, EJA Profissionalizante, programa de Aprendizagem Industrial para filhos de colaboradores, entre outras ações

Renata Santos

uito além da formação técnica do funcionário, o portfólio de programas educacionais e de qualificação profissional que, de forma integrada, Sesi e Senai disponibilizam para a indústria goiana busca o desenvolvimento humano, seja em cursos presenciais ou a distância, modalidade estratégica que potencializa o atendimento. Na ampla gama de produtos e serviços, cursos personalizados possibilitam, por exemplo, adequação facilitada

a normas reguladoras, as chamadas NRs, que exigem atenção à legislação, sob risco de multas e indenizações.

A Friato Alimentos, indústria de Pires do Rio, no Sudeste goiano, que abate mais de 400 mil aves/dia, mantém em torno de 3 mil empregos diretos e, em 2018, faturou prêmios como uma das maiores do agronegócio brasileiro da revista Globo Rural, é um bom case da atuação integrada do Sesi e Senai em Goiás, especificamente por

Planta da Friato Alimentos em Pires, onde indústria abate mais de 400 mil aves/dia e produz mix variado de congelados, resfriados e industrializados, mantém em torno de 3 mil empregos diretos e produz mix variado de resfriados, congelados e industrializados

meio das unidades da vizinha cidade de Catalão, que atendem à região. No frigorífico da indústria, de onde sai mix variado de congelados, resfriados e industrializados, a capacidade é de 1,2 mil toneladas por dia de produtos acabados, inclusive destinados à exportação.

MAIS ESCOLARIDADE –

A implantação na indústria da EJA Profissionalizante, o programa de Educação de Jovens e Adultos, foi um caminho para incentivar funcionários a produzir mais e, ao mesmo tempo, investir em escolaridade e na autoestima. Mas como isso é possível se a rotina de estudar e trabalhar, traço de milhões de brasileiros em busca de resgate de cidadania, pode parecer algo desafiador para quem interrompeu os estudos há anos e

ainda precisa cumprir carga horária puxada na labuta de todo santo dia?

Porém, os resultados são palpáveis na Friato, que encerra 2019 com uma receita superior a R\$ 827 milhões, cerca de 10% maior que a do ano passado, e tem como uma das metas continuar sua ascensão sem problemas como rotatividade ou baixa escolaridade de seus colaboradores.

Aluno mais velho dos 28 integrantes da turma de funcionários da Friato que aderiu à EJA, o operador de máquinas Sandro Henrique Gonçalves da Silva tem 47 anos e desde os 14 não frequentava a escola. Ele conta que foi trabalhar na lavoura e, por isso, nem concluiu a 7ª série. "Trabalhei em muita coisa, quis até ser jogador de futebol, mas acho que fiquei meio que parado no tempo em relação aos estudos. Já tive até o sonho de me tornar agrônomo e, hoje, falo para meu filho nunca deixar o banco da escola", conta. Decidido a ampliar seus horizontes, ele se arrepende de não ter estudado quando era mais novo e, agora, tenta aproveitar ao máximo a oportunidade de poder retornar aos livros. "As máquinas novas chegam a cada dia nas empresas e tenho de estar preparado. Não posso mais estagnar", observa.

Pai de quatro filhos – Alessandra, 27, Ana Carolina, 25, Daiane, 17, e João Neto, 15 –, ele sai de casa duas vezes por semana rumo às escolas Sesi e Senai de Catalão, a 2



 Funcionários da Friato Alimentos, de Pires do Rio, matriculados em turmas de EJA Profissionalizante do Sesi e Senai Catalão, com Valéria Divina da Silva Costa, coordenadora pedagógica de EJA do Sesi e Senai

quilômetros de distância, onde cursa o EJA Profissionalizante. Na sala de aula, 19 às 22 horas, após a jornada de trabalho, tenta assimilar conteúdos das grandes áreas, como ciências naturais, exatas e humanas, além de informática, o que para ele tem sido a disciplina mais difícil. "Só tivemos poucas aulas até agora e, talvez por isso, tenho mais dificuldade. Quero aprender porque será muito útil para entender melhor a operação dos computadores que controlam os painéis das estações que eu opero lá na fábrica", destaca.

Ele explica que são três máquinas com comandos que controlam a velocidade da pressão da bomba e do óleo, com finalidade de injetar a carne e água para fazer a salmoura, usada para dar sabor na fabricação do presunto. Sobre a interação com os mais novos, ele diz que gosta dessa troca de experiências vividas no mercado de trabalho. "Acho que tenho algo a ensinar, apesar do pouco estudo".

Dois certificados paralelamente

Esse conhecimento individual acumulado de cada aluno, segundo Valéria Divina da Silva Costa, coordenadora pedagógica de Educação de Jovens e Adultos do Sesi e Senai, é verificado de forma personalizada e, por isso, torna o programa EJA Profissionalizante uma ferramenta tão poderosa. "Essa é a grande novidade desse programa. Ao avaliar e reconhecer os saberes acumulados de cada aluno, por meio de metodologia de avaliações e questionários, o tempo de estudo da educação básica pode ser reduzido bastante. No final do curso, o aluno sai com dois certificados, um de conclusão do ensino médio e outro do curso de qualificação profissional (assistente administrativo, controle de qualidade, operador de computador, assistente de RH, etc.), conforme a demanda de cada empresa. Ambos são oferecidos com conteúdo que une aulas presenciais (20%) e a distância (80%).

Formação e prevenção também geram lucro

Gestor de Terceiros da Friato, Rafael Tomazini lembra que o sucesso da empresa de duas décadas de existência só tem como ser mantido se houver investimento em desenvolvimento humano. Para ele, é essencial a parceria com o Sesi e o Senai, cujos cursos são direcionados para o

EDUCAÇÃO BÁSICA E PROFISSIONAL



 Rafael Tomazini, gestor de Terceiros da Friato: parceria com Sesi e Senai é essencial para crescimento dos funcionários e para atender necessidades da indústria



 Aliana Dias Calaça, diretora do Sesi e do Senai em Catalão: cursos flexíveis e possibilidade de estudar a distância

crescimento dos funcionários e, também, para atender a necessidades da indústria, no caso da área de saúde e segurança do trabalho. "O conteúdo dos cursos e os treinamentos práticos envolvem o colaborador não apenas durante a formação para exercer sua função na indústria, mas atualiza e promove a necessidade de revisão diária para evitar riscos em seu trabalho diário", observa.

"Precisamos alertar sempre a equipe sobre os perigos embutidos em tarefas cotidianas", lembra. Isso, segundo o diretor, além proteger a vida do trabalhador, acaba também revertendo em lucro para a empresa. "Assim a empresa pode deixar de ser penalizada em contendas jurídicas, que muitas vezes resultam em multas ou indenizações vultosas. Com os cursos, conseguimos fazer prevenção e nos manter dentro das normas exigidas pelas legislações", explica.

Para ele, por mais que as empresas possuam comissões internas de prevenção de acidentes (Cipa), com o tempo tarefas usuais deixam de ser encaradas sem a visualização de perigos óbvios, que podem acabar desapercebidos em atividades do cotidiano

Dentro desse contexto, Márcio Florisbelo Mendes, coordenador de cursos da área elétrica e de segurança do trabalho do Sesi e Senai, cita o treinamento oferecido com foco na norma NR-10 como um dos mais importantes. Ele refere-se a exigências que devem ser cumpridas por profissionais responsáveis por setores e equipamentos elétricos da empresa. A ideia, com os cursos, é fazer com que o canteiro de obra seja mais seguro.

Programas diversos unem educação a sustentabilidade, tecnologia e potencial humano

Os programas de educação e qualificação oferecidos pelo Sesi e Senai abrangem desde a formação em educação básica à qualificação profissional e demandas específicas da indústria. Normalmente, os investimentos em potencial humano integram a filosofia das indústrias em expansão no Estado. Na indústria de Pires do Rio, além do EJA Profissionalizante, o Friato nas Escolas contribui para o desenvolvimento educacional da população da região, ao levar professores e alunos das escolas e faculdades para visitar as fábricas do grupo e mostrar o potencial de trabalho, bem como reforçar que elas empregam tecnologia de ponta. Gerente de Recursos Humanos da Friato, Eliana Ferreira da Silva conta que o programa começou a ser desenvolvido em 2014, dentro de um processo de melhoria da imagem da empresa junto aos moradores de Pires do Rio, município que conta com 30 mil habitantes.

"Antes dele, teve um tempo que tínhamos dificuldade para contratar pessoas daqui. Mostramos para a sociedade como nossos processos locais podem ser comparados aos usados globalmente e que, em todas as etapas da cadeia, adotamos o tripé sustentabilidade, tecnologia e potencial humano", explica. Aos 36 anos, desde os 16 ela trabalha na Friato, onde obteve o primeiro emprego na etapa de produção. "Eu sei como é importante a pessoa priorizar seu desenvolvimento continuado e não se acomodar, estudar e fazer uma faculdade para se aprimorar", diz.

Em parceria com o Senai, a Friato Alimentos desenvolve o Programa de Aprendizagem Industrial, oferecido para moradores da cidade e da zona rural. "Normalmente, os inscritos são filhos e parentes de funcionários que estão em busca do primeiro emprego", explica Eliane. Os alunos que frequentam escola regular (requisito básico) devem ter entre 14 e 24 anos e, em duas aulas por semana, adquirem competências além das matérias tradicionais como português e matemática, assimilando conhecimentos de ética, de cidadania e de relações interpessoais.

Para Aliana Dias Calaça, diretora do Sesi e do Senai em Catalão, todos os cursos oferecem a possibilidade de estudar a distância. Não ter "aula todo dia" acaba sendo um atrativo que estimula o trabalhador a se esforçar para aprender. Além das aulas semanais, os alunos podem acessar as atividades pedagógicas em seu computador ou do próprio celular.◆

Fotos: Alex Malheiros



Presidente da Fieg, Sandro Mabel, destaca parceria, ao lado do vice Antônio Almeida, do superintendente João Carlos Gouveia; e dos diretores do Sebrae, Derly Cunha Fialho, Wanderson Portugal e Igor Montenegro

PEQUENOS NEGÓCIOS

Fieg sediará ponto de atendimento do Sebrae

Dehovan Lima

Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg) vai ganhar, no Edifício Pedro Alves de Oliveira, em frente à Casa da Indústria, na Vila Nova, um Ponto de Atendimento do Sebrae Goiás voltado para as pequenas e médias empresas. A parceria, firmada no dia 18 de novembro, durante reunião mensal da diretoria da Fieg, foi comemorada pelo presidente, Sandro Mabel, que destacou a união de esforços em momento de incertezas por que passa a economia

goiana, marcado por insegurança jurídica. "Sebrae e Fieg cada vez mais unem suas forças. Estamos juntos para fazer mais com menos custos para fazer crescer rapidamente nossa indústria. O dia de hoje vai entrar na história das instituições, como passo importante especialmente para segmentos como o da moda, que já contam com a capilaridade do Sesi e Senai. Agora vamos fazer muito mais", disse.

O diretor-superintendente do Sebrae Goiás, Derly Cunha Fialho, igualmente ressaltou a disposição das instituições em caminhar juntas, em busca de competitividade das PMEs. "O Sebrae não sabe trabalhar sozinho", observou. Conselheiro do Sebrae, o ex-presidente da Fieg Pedro Alves de Oliveira considerou a parceria importante instrumento para alavancar os pequenos negócios, "que têm força para fazer o País decolar, por sua grande capacidade de gerar emprego e renda". O vice-presidente da Fieg Antônio Almeida observou que sempre defendeu a presença do Sebrae dentro da federação para atendimento mais próximo do pequeno empresário.

Abertura da sétima edição do Eice, na Casa da Indústria, pelo presidente da Fige, Sandro Mabel: atração de negócios e internacionalização criam

COMÉRCIO INTERNACIONAL

Grandes oportunidades e alto risco

Acordos comerciais podem estimular as exportações, mas demandam cautela diante de riscos potenciais, sobretudo quando envolvem economias em níveis desiguais de desenvolvimento

inda sujeito à homologação pelas duas partes, o acordo entre Mercosul e União Europeia, fechado em princípio no dia 28 de junho deste ano, depois de duas décadas de discussões, pode trazer oportunidades de negócios para o Brasil e para Goiás, mas trará igualmente riscos diante das disparidades entre as economias posicionadas nos dois lados do Atlântico. "A competição com os países europeus, sobretudo na indústria de transformação, será percebida com maior vigor no médio prazo", sublinhou o gerente de negociações internacionais da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Fabrizio Panzini.

Ele foi um dos palestrantes do 7º Encontro Internacional de Comércio Exterior

(Eice), realizado no dia 31 de outubro pela Fieg, por meio do Conselho Temático de Comércio Exterior e do Centro Internacional de Negócios (CIN), e pelo Sebrae, com patrocínio do Grupo Porto Seco Centro-Oeste e Banco do Brasil e apoio dos governos federal e estadual, dos Correios e da CNI.

Mais de 300 inscritos, entre empresários, profissionais da área de comércio exterior, acadêmicos e estudantes do setor, acompanharam a série de palestras e a mesa-redonda sobre o tema Planejando a Competitividade Internacional Goiana. Além de Panzini, participaram da fase de palestras o cientista político Ricardo Sennes, também mediador da mesa-redonda, o subsecretário de Estratégia Comercial do Ministério da



espaço para crescimento das empresas

 Emílio Bittar: "Mostramos que todas as empresas goianas têm potencial para exportar. Não é preciso ter grandes quantidades, e sim qualidade" Economia, Fernando Alcaraz, e o analista do Sebrae Nacional Gustavo Reis Melo.

"Nosso objetivo é trazer para o empresariado temas relevantes relacionados aos esforços para a internacionalização das empresas, apresentando todo o leque de oportunidades que o comércio exterior proporciona para o crescimento das indústrias goianas", afirmou o presidente da Fieg, Sandro Mabel. Para ele, há múltiplas oportunidades de exportação e importação, potencializadas por acordos comerciais multilaterais e bilaterais. "Propomos justamente essa discussão com o seminário técnico: apresentar as pos-

sibilidades, fornecer informações e fomentar o networking com embaixadas e possíveis parceiros", acrescentou.

De acordo com o presidente do Conselho Temático de Comércio Exterior da Fieg, Emílio Bittar, o evento esclareceu pontos importantes sobre os novos acordos comerciais firmados pelo Brasil, sobretudo com Estados Unidos, Europa, China e países árabes. "Mostramos que todas as empresas goianas têm potencial para exportar. Não é preciso ter grandes quantidades, e sim qualidade nos produtos e os caminhos para conquistar o mercado internacional. E, nesse sentido,

tanto a Fieg quanto o Sebrae estão aqui para auxiliar o empresário goiano", afirmou Bittar.

A exemplo do que ocorreu nas outras seis edições do encontro, o 7º Eice novamente abriu espaço para representações diplomáticas conhecerem a economia do Estado e suas possibilidades, apresentarem o potencial de seus respectivos mercados, assim como os setores que buscam parcerias para ampliação de negócios com empresas brasileiras. As embaixadas de Portugal, Hungria, Bélgica e Espanha, no bloco Europeu; do Chile e da Nicarágua, na América Latina; e Taipei, na Ásia, conversaram com empresários goianos sobre parcerias e setores considerados estratégicos para o comércio exterior.

ESPAÇO (REDUZIDO) PARA MICRO E PEQUENAS

Embora representem praticamente 99% das quase 6,4 milhões de empresas brasileiras, somente 8,3 mil micro e pequenas exportam seus produtos e serviços, o que corresponde a 38% do total de 21.722 empresas exportadoras no País, afirmou o analista Gustavo Reis Melo, do Sebrae Nacional. Em Goiás, apenas 87 micro e pequenas empresas participaram do comércio exterior, realizando vendas na faixa de US\$ 10,0 milhões (pouco mais de 0,1% dos US\$ 6,9 bilhões exportados por Goiás em 2017) e empregando 1.034 pessoas, nos dados também de 2017.

Falta cultura exportadora entre os micro e pequenos empresários, apontou Melo, acrescentando que a exportação não é considerada estratégica pelo segmento – que aliás enfrenta dificuldades gigantescas quando tenta abrir espaço na cena internacional. Ainda assim, ponderou o analista, os números do setor, em Goiás, "chamam a atenção pela quantidade e pelo potencial de crescimento", lembrando que 45% dessas empresas estão no setor industrial e 41,4% no comércio, com vendas mais relevantes de madeira, pedra preciosas, calçados e móveis. Em torno de 59% das vendas externas estão concentradas nos países do Mercosul (21%), dos Estados Unidos e do Canadá (20,1%) e da União Europeia (18%).



 Gustavo Reis Melo, do Sebrae Nacional: exportação ainda não é percebida como estratégica por micro e pequenas empresas

Planejamento e compras governamentais

As assimetrias entre Brasil e União Europeia significam um desafio a mais para a consolidação do acordo entre a região e o Mercosul. O bloco europeu responde por um terço das exportações globais e é líder nos setores de produtos farmacêuticos, respondendo por 64,9% do comércio mundial, químicos (com 48,7% de participação), equipamentos de transporte (47%), máquinas (41,5%) e outros produtos manufaturados (40,9%). No geral, apontou Fabrizio Panzini, da CNI, 38,3% do comércio internacional de bens manufaturados têm como origem os países membros da União Europeia, enquanto o Brasil participa com uma fatia de apenas 0.6% desse mercado.

"O acordo (Mercosul-União Europeia) pode ser transformador, traz benefícios para as empresas brasileiras, mas coloca o País diante de desafios competitivos não desprezíveis", analisou Panzini. Planejar os próximos passos ganha relevância maior daqui para frente, ainda que o acordo tenha que cumprir longa tramitação antes de entrar de fato em vigor. De acordo com o gerente, o acordo entre o bloco europeu e a Coreia do Sul consumiu 1.894 dias antes de entrar em plena vigência. No caso do Japão, a demora foi de 564 dias. Em média, entre sua conclusão



PELOS SINDICATOS E CONSELHOS TEMÁTICOS

e a vigência plena, os acordos entre a União Europeia e seus parceiros demoram dois anos e meio.

Até lá, Panzini acredita que o Brasil deverá se ocupar de desenhar um planejamento bem alinhavado para evitar distorções no comércio com os europeus e na estrutura de sua indústria. "Os acordos dão mais competitividade, proporcionando acesso a novos mercados consumidores e aos insumos. Por outro lado, é fundamental fazermos nosso dever de casa, reduzindo custos e principalmente resolvendo a questão tributária. Temos um grave problema no Brasil: quanto mais o empresário agrega valor ao produto, mais avança na cadeia produtiva, mais ele é punido", afirmou Panzini.

Um ponto importante, mas que não tem recebido maior destaque na imprensa, prosseguiu ele, diz respeito ao capítulo de compras governamentais ainda no âmbito do acordo entre Mercosul e União Europeia, diante do potencial de negócios (e dos riscos, igualmente). Em todo o mundo, as compras dos governos representam algo em torno de 12% do PIB global, o que corresponde, em grandes números, a negócios na faixa entre US\$ 9,8 trilhões a US\$ 10,3 trilhões por ano.

Em conjunto com a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex), a CNI montou um sistema de alerta que informa empresas brasileiras sobre editais e o lançamento de concorrências mundiais na área de compras governamentais. Em geral, no entanto, decisões e procedimentos nessa área são pouco transparentes, incluem barreiras próprias e margens de preferência que afugentam concorrentes de fora. Por enquanto, observou Panzini, a União Europeia ainda não divulgou sua proposta para o setor.

Exportações (e saldo) em queda

O desempenho negativo das exportações goianas ao longo deste ano tem sido determinado sobretudo pela retração observada nas vendas externas de produtos



básicos, com destaque para o complexo soja (aqui, sob impacto da redução na demanda chinesa, principal mercado de destino da soja em grão), e também pela queda nos embarques de bens manufaturados. A velocidade da queda tem se reduzido nos últimos dois meses, em função principalmente do vigoroso crescimento das vendas de milho em grão, mas os números da balança comercial do Estado mantêm-se negativos e tendem a encerrar o ano em baixa.

Entre janeiro e outubro deste ano, Goiás exportou algo ligeiramente abaixo de US\$ 5,737 bilhões, no pior resultado desde meados da década, correspondendo a queda de 11,24% em relação aos US\$ 6,463 bilhões exportados nos primeiros dez meses do ano passado. As importações somaram US\$ 2,999 bilhões, mantendo-se em estabilidade virtual frente aos US\$ 2,992 bilhões importados entre janeiro e outubro de 2018 (a variação, guase nula, ficou em 0,24%). O saldo comercial (exportações menos importações) baixou de guase US\$ 3,472 bilhões para US\$ 2,738 bilhões, num recuo de 21,14%. de acordo com dados da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (Secex/Mdic).

As vendas externas de produtos bási-

cos experimentaram retrocesso de 13.7% em grandes números, saindo de R\$ 4,89 bilhões para US\$ 4,22 bilhões. Sua participação no total vendido lá fora pelas empresas goianas recuou de 75,7% para 73,6%, preservando espaço relevante ainda, confirmando a baixa capacidade de produção e de exportação de bens mais elaborados, com maior conteúdo tecnológico e maior nível de complexidade. Nessa linha, as exportações de bens manufaturados despencaram 24,9% no acumulado até outubro, caindo de US\$ 333,45 milhões para US\$ 250,58 milhões – o que achatou a fatia ocupada pela indústria de manufaturas nas exportações goianas de 5,16% para 4,37%.

Mesmo entre bens manufaturados, registra-se forte presença de produtos de origem agrícola na pauta de exportações. Neste ano, por exemplo, parte relevante do tombo nas vendas externas do setor deveu-se ao desempenho muito negativo dos embarques de açúcar refinado, reflexo, de outro lado, da maior oferta global e do aumento nos estoques mundiais, o que tem contribuído para deprimir os preços e os volumes de venda. No caso goiano, as vendas externas de açúcar refinado desabaram 61,4% entre 2018 e 2019, sempre considerando os dez



primeiros meses de cada período. Em valores, as exportações encolheram para US\$ 48,58 milhões, saindo de US\$ 125,70 milhões no ano passado (quando o produto havia sido responsável por quase 38% de todas as vendas de bens manufaturados). Neste ano, o açúcar refinado teve sua participação reduzida para 19,4% (embora tenha respondido por 93,0% da queda observada para o total de manufaturas vendidas no exterior).

A contribuição (negativa) do complexo soja (grão, farelo e óleo, com largo destaque para o primeiro) explica praticamente toda a redução observada para as exportações goianas até outubro, com a "ajuda" da China, que tem reduzido suas compras da oleaginosa. As exportações do complexo murcharam de US\$ 3,283 bilhões entre janeiro e outubro de 2018, quando chegaram a representar 50,79% do total exportado por Goiás, para US\$ 2,149 bilhões em igual intervalo deste ano (37,46% do total). A queda foi de 34,5% entre um período e outro, significando US\$ 1,134 bilhão a menos.

Sem o complexo soja, as demais exportações realizadas a partir de Goiás cresceram 12,8% na comparação entre aqueles mesmos dois períodos, elevando-se de US\$ 3,181 bilhões para US\$ 3,588 bilhões em

números arredondados. Mas 96,5% do ganho registrado aqui veio exclusivamente de um único produto: o milho em grão.

O Estado exportou 3,554 milhões de toneladas de milho entre janeiro e outubro deste ano, o que se compara a apenas 1,116 milhão de toneladas no ano passado, o que correspondeu a uma elevação de 118,5%. Como os preços de venda subiram, as receitas com os embarques do grão aumentaram mais do que proporcionalmente, saindo de US\$ 209,409 milhões para US\$ 601,867 milhões, num salto de 187,4%.

As exportações de soja em grão, no entanto, anularam esse esforço ao produzir retração de US\$ 904,221 milhões nas receitas de exportação neste ano. As vendas externas do produto baixaram de US\$ 2,347 bilhões para US\$ 1,443 bilhão, num retrocesso de 38,5%. A China manteve-se como principal mercado para a soja goiana, comprando 83,8% de toda a exportação do grão.

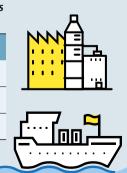
Mas foram os chineses também os principais responsáveis pela queda no saldo comercial do Estado com o restante do mundo, ao combinar exportações mais baixas e importações em alta acelerada. Goiás exportou US\$ 2,072 bilhões neste ano para o mercado chinês, diante de USS 2,623 bilhões entre janeiro e outubro de 2018 (queda de 21,0%). E importou 55,63% a mais, já que as compras de produtos chineses avançaram de US\$ 248,299 milhões para US\$ 386,439 milhões (especialmente por conta do salto nas compras de veículos. partes e acessórios, multiplicadas em 30,5 vezes, para US\$ 80,280 milhões). O resultado foi uma queda de 29,0% no saldo comercial entre o Estado e a China, saindo de US\$ 2,374 bilhões (68,39% do superávit total) para US\$ 1,685 bilhão (61,56%). A redução de US\$ 688,995 milhões representou 93,9% da retração acumulada pela balança comercial goiana como um todo

MENOR EXPORTAÇÃO DERRUBA SUPERÁVIT

(Balança comercial de Goiás, valores em US\$ milhões acumulados entre janeiro e outubro)

Variáveis	2018	2019	Variação
Exportações	6.463,4	5.736,6	-13,7%
Importações	2.991,7	2.998,8	+0,24%
Saldo	3.471,7	2.737,8	-21,1%

Fonte: Ministério da Economia/Secex





INDUSTRIALIZAÇÃO

Nova Veneza ganha indústria e Senai leva cursos

Andelaide Lima

olo industrial emergente, Nova Veneza, na Região Metropolitana de Goiânia, passa a contar, a partir do ano que vem, com a presença do Senai para realização de cursos destinados a formar mão de obra para atender às demandas das indústrias da região em áreas como eletromecânica, automação industrial, operador de empilhadeira e de caldeira. A parceria, firmada no dia 29 de novembro, durante lançamento do programa Mais Emprego, no Centro Cultural de Nova Veneza, envolve o Sindicato das Indústrias de Carnes e Derivados (Sindicarne) e a prefeitura municipal.

A iniciativa prevê qualificação e certificação de profissionais para atender ao mercado, proporcionando oportunidades para que a população local possa assumir as vagas de empregos disponibilizadas pelas empresas do município e da região.

É o caso, especialmente, da demanda da nova planta industrial da São Salvador Alimentos (SSA), detentora das marcas Superfrango e Boua, prevista para ser inaugurada na cidade em fevereiro do ano que vem. Com investimento de R\$ 450 milhões, a indústria terá capacidade inicial para abater 160 mil aves por dia e até 320 mil, quando atingir sua capacidade máxima de operação, além de gerar cerca de mil empregos.

Com sede em Itaberaí, na Região Noroeste Goiano, a SSA é uma das maiores produtoras de proteína animal do Brasil e a segunda de Goiás. Atualmente, a indústria abate 360 mil aves por dia e a previsão é de aumentar em 48% sua capacidade de produção com a instalação da planta de Nova Veneza.

Parceria com Sesi e Senai em Itaberaí é o modelo

"Temos uma excelente parceria com a Fieg, o Sesi e o Senai em várias ações desenvolvidas na fábrica de Itaberaí, como os programas Jovem Aprendiz e Educação de Jovens e Adultos (EJA), e queremos trazer essas atividades também para Nova Veneza. Vamos qualificar mão de obra com qualidade para atender às exigências do mercado nacional e internacional, com boas práticas de fabricação. A nova planta industrial já vai nascer com condições para exportar", explicou o empresário José Garrote, diretor-presidente da São Salvador Alimentos.

Para a prefeita de Nova Veneza, Patrícia Amaral, a parceria com o Sistema Fieg vai ajudar no desenvolvimento socioeconômico da cidade com a qualificação de trabalhadores para as empresas.

O presidente do Sindicarne, Leandro Stival, destacou a oportunidade de promover a empregabilidade no município, com cursos específicos para atender às indústrias do setor de alimentos e garantir empregos para a população.

Vice-presidente da Fieg, André Rocha disse que a qualificação profissional é um caminho seguro para vencer a crise do desemprego. "O Senai tem o grande desafio de capacitar mais de 320 mil trabalhadores, até 2023, em Goiás. Essa parceria em Nova Veneza vem em momento propício para o setor industrial, porque vai ajudar no crescimento do município, além de atrair novos investimentos para o Estado."◆





 José Garrote, da São Salvador Alimentos, apresenta planta industrial em instalação em Nova Veneza, onde Leandro Stival (Sindicarne), prefeita Patrícia Amaral e André Rocha (Fieg) firmaram parceria

SIAEG

Benchmarking Sindical reúne em Goiânia lideranças de 6 Estados



uplamente vencedor, no ano passado, da etapa goiana da primeira edição do Prêmio Nacional de Boas Práticas Sindicais, iniciativa da Confederação Nacional da Indústria (CNI), em parceria com as federações estaduais, o Sindicato das Indústrias da Alimentação do Estado de Goiás (Siaeg) foi foco de atenções de Norte a Sul do País.

O Benchmarking Sindical, realizado pela CNI, em novembro, reuniu em Goiânia lideranças sindicais de Goiás, do Espírito Santo, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Pará e Distrito Federal para conhecer experiências implantadas pela entidade, a exemplo dos projetos premiados Conversando é que a Gente se Entende! e A Comunicação Fortalecendo a Indústria Goiana, além do trabalho que é desenvolvido no setor de alimentos e bebidas em parceria com o Sesi, Senai e IEL.

"Um momento ímpar para troca de experiências, uma mão dupla de conhecimentos. Ponto alto foi a visita ao Instituto Senai de Tecnologia em Alimentos e Bebidas, na Vila Canaã, que impressionou os visitantes", resumiu o presidente do Siaeg, Antônio Benedito dos Santos.

GARANTIGOIÁS E FIEG

Parceria para fortalecer a oferta de garantia de crédito para indústria

m reunião na Casa da Indústria, em novembro, executivos da GarantiGoiás e da Fieg deram pontapé inicial para firmar convênio destinado a intensificar a oferta de garantia de crédito para micro e pequenas indústrias goianas. "Continuamos trabalhando para tornar a economia de Goiás cada vez mais forte", salientou o presidente da GarantiGoiás, Pedro Alves de Oliveira, ex-presidente da Federação das Indústrias.

O superintendente da Fieg, João Carlos Gouveia, considerou o convênio uma importante opção para as indústrias. A intenção é envolver, inicialmente, sindicatos patronais industriais que reúnem grande número de mi-



• Na Casa da Indústria, o superintendente da Fieg, João Carlos Gouveia, o coordenador técnico Alesander Araújo e a assessora Vanessa Almeida recebem o diretor executivo da GarantiGoiás, Ivo Zecchin (esquerda)

cro e pequenas empresas entre seus filiados.

O diretor executivo da GarantiGoiás, lvo Zecchin, revelou que o convênio prevê a instalação de um posto de atendimento na Fieg e, quem sabe, em alguns sindicatos, para empresários industriais interessados em obter garantia de crédito. "As taxas de juros

de nosso convênio com o Sicoob são outro ponto relevante desse projeto", comentou. A aproximação da opção do acesso à garantia de crédito na entidade representativa da indústria é vista por ambos os lados como fator que poderá levar o serviço a muito mais empresas.

SINDICATOS

SINDICATOS COM SEDE NO EDIFÍCIO PEDRO ALVES DE OLIVEIRA

Rua 200. Quadra 67-C, Lote 1/5. nº 1.121 - Setor Vila Nova, em frente à Casa da Indústria - Goiânia-GO, CEP: 74645-230

SINPROCIMENTO

Sindicato da Indústria de Produtos de Cimento do Estado de Goiás Presidente: Olavo Martins Barros Fone: (62) 3224-0456/Fax 3224-0338 sinprocimento@gmail.com

SINDIREPA

Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado de Goiás Presidente: Alyson Jose Noqueira Telefone (62) 3224-0121/ 3224-0012 sindirepa@sistemafieg.org.br

SINDIAREIA

Sindicato das Empresas de Extração de Areia do Estado de Goiás Presidente: Gilberto Martins da Costa Fone/Fax: (62) 3224-8688 sindiareia@sistemafieg.org.br

Sindicato das Indústrias da Construção, Geração, Transmissão e Distribuição de Energia no Estado de Goiás Presidente: Célio Eustáquio de Moura Fone: (62) 3218-5686 / 3218-5696 sindcel@sindcel.com.br

SINDIALF

Sindicato das Indústrias de Alfaiataria e Confecção de Roupas para Homens no Estado de Goiás Presidente: Daniel Viana

SIAEG

Sindicato das Indústrias de Alimentação no Estado de Goiás Presidente:

Antônio Benedito dos Santos Diretora executiva: Denise Resende Fone/Fax: (62) 3224-9226 siaeg@siaeg.com.br

SIAGO

Sindicato das Indústrias do Arroz no Estado de Goiás Presidente:

Jerry Alexandre de Oliveira Paula NOVO ENDERECO Telefone: (62) 99968-4302. siagoarroz@hotmail.com

SINDICALCE

Sindicato das Indústrias de Calcados no Estado de Goiás Presidente: Elvis Roberson Pinto Fone/Fax: (62) 3225-6402 sindicalce@sistemafieg.org.br

SINCAL

Sindicato das Indústrias de Calcário. Cal e Derivados no Estado de Goiás, Tocantins e DF

Presidente: losé Antônio Vitti Fone/Fax (62) 3223-6667 sininceg@sistemafieg.org.br

Sindicato das Indústrias de Carnes e Derivados no Estado de Goiás e Tocantins

Presidente: Leandro Luiz Stival Ferreira Fone/Fax: (62) 3229-1187 e 3212-1521 sindicarnegoias@gmail.com

SINDCURTUME

Sindicato das Indústrias de Curtumes e Correlatos do Estado de Goiás Presidente: Emílio Carlos Bittar Fone/Fax: (62) 3213-4900 sindcurtume@sistemafieg.org.br

SINDIGESSO

Sindicato das Indústrias de Gesso, Decorações, Estuaues e Ornatos do Estado de Goiás Presidente: losé Luiz Martin Abuli Fone: (62) 3224-7443 sindigesso@sistemafieg.org.br

SINDILEITE

Sindicato das Indústrias de Laticínios no Estado de Goiás Presidente: Alcides Augusto da Fonseca Fone (62) 3212-1135 / Fax 3212-8885 sinleite@terra.com.br

SIMPLAGO

Sindicato das Indústrias de Material Plástico no Estado de Goiás Presidente: Bruno Franco Beraldi Coelho Fone (62) 3224-5405 simplago@sistemafieg.org.br

SINDIPÃO

Sindicato das Indústrias de Panificação e Confeitaria no Estado de Goiás

Presidente:

Marcos André Rodrigues de Sigueira Presidente executivo: Luiz Gonzaga de Almeida Fone: (62) 98422-4022 sindipao@sistemafieg.org.br

Sindicato das Indústrias de Rochas Ornamentais do Estado de Goiás Presidente: Eliton Rodriaues Fernandes Telefone: (62) 98436-1724 simagran@sistemafieg.org.br

Sindicato das Indústrias de Torrefação e Moagem de Café no Estado de Goiás Presidente: Jaques Jamil Silvério Fone (62) 3212-7473 - Fax 3212-5249 sincafe@sistemafieg.org.br

SINVEST

Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Goiás Presidente: José Divino Arruda Fone/Fax: (62) 3225-8933 sinvest@sistemafieg.org.br

SINDIBRITA

Sindicato das Indústrias Extrativas de Pedreiras e Derivados do Estado de GO, TO e DF

Presidente: Marcus Brandão de Lima e Silva Fone/Fax: (62) 3213-0778 sindibrita@sistemafieg.org.br

Sindicato das Indústrias Extrativas do Estado de Goiás e do Distrito Federal Presidente: Domingos Sávio G. Oliveira Fone: (62) 3212-6092 - Fax 3212-6092 sieeg@sistemafieg.org.br

Sindicato das Indústrias Gráficas no Estado de Goiás Presidente: Antônio de Sousa Almeida Fone: (62) 3223-6515 - Fax 3223-1062 sigego@sistemafieg.org.br

SIMELGO

Sindicato das Indústrias Metalúraicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás Presidente: Hélio Naves simelgo@sistemafieg.org.br Fone/Fax: (62) 3224-4462 contato@simelgo.org.br

SINDQUÍMICA-GO

Sindicato das Indústrias Químicas no Estado de Goiás Presidente: Jair José de Alcântara Fone (62) 3212-3794/Fax 3225-0074 sindquimica@sistemafieg.org.br

SINDMÓVEIS

Sindicato das Indústrias de Móveis e Artefatos de Madeira no Estado de Goiás

Presidente:

Nicolas Lima Paiva Fone/Fax: (62) 3224-7296 sindmoveis@sistemafieg.org.br

SINDTRIGO

Sindicato dos Moinhos de Trigo da Região Centro-Oeste Presidente: Sérgio Scodro Presidente-Executivo: André Lavor P. Barbosa Fone: (62) 3223-9703 sindtrigo@gmail.com

SIFACÚCAR

Sindicato da Indústria de Fabricação de Acúcar do Estado de Goiás Presidente: Marcelo de Freitas Barbosa Presidente-Executivo:

André Luiz Baptista Lins Rocha Fone: (62) 3274-3133 / Fax (62) 3251-1045

Sindicato das Indústrias de Fabricação de Etanol no Estado de Goiás Presidente: Marcelo de Freitas Barbosa Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha sifaeg@terra.com.br

OUTROS ENDEREÇOS

Sindicato da Indústria Metalúrgica, Mecânica e de Material Elétrico do Sudoeste Goiano

Presidente: Heitor de Oliveira Nato Neto Rua Costa Gomes, nº 143 Jardim Marconal CEP 75901-550 - Rio Verde - GO Fone/Fax: (64) 3623-0591 simesgo1@hotmail.com

SINDUSCON-GO

Sindicato das Indústrias da Construção no Estado de Goiás

Presidente:

Eduardo Bilemijan Filho Rua João de Abreu, 427 - St. Oeste CEP 74120-110 - Goiânia- GO Fone: (62) 3095-5155 contato@sinduscongoias.com.br

SINROUPAS

Sindicato das Indústrias de Confecções de Roupas em Geral de Goiânia Presidente: Edilson Borges de Sousa Rua 1.137, nº 87 - Setor Marista CEP 74180-160 - Goiânia - GO Fone/Fax: (62) 3088-0877 sinroupas@yahoo.com.br

SEDE ANÁPOLIS

Edifício Capitão Waldyr O'Dwyer

Rua JM-16, Quadra 52, Lote 22, Setor Sul Jamil Miguel - Anápolis-GO - CEP 75124-200 Fone/Fax (62) 3324-5768 / 3311-5565 E-mail: fieg.regional@sistemafieg.org.br

FIEG REGIONAL ANÁPOLIS

Presidente: Wilson de Oliveira

SINDALIMENTOS

Sindicato das Indústrias da Alimentação de Anápolis Presidente: Wilson de Oliveira sindalimentos@sistemafieg.org.br

SINDUSCON ANÁPOLIS

Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Anápolis Presidente: Anastácios Apostolos Dagios www.sindusconanapolisgo.com.br

SINDICER-GO

Sindicato das Indústrias de Cerâmica no Estado de Goiás Presidente: Laerte Simão

Presidente executivo: Itair Nunes de Lima Jr. sindicergo@sistemafieg.org.br

Sindicato das Indústrias do Vestuário de Anápolis Presidente: Jair Rizzi siva@sistemafieg.org.br

SINDIFARGO

Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás Presidente: Alexandre Baldy Presidente-Executivo: Marcal Henrique Soares sindifargo@sistemafieg.org.br

Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Anápolis Presidente: Robson Peixoto Braaa simmea@sistemafieg.org.br

Senhor empresário: A FIEG é integrada por 36 sindicatos da indústria, com sede em Goiânia, Anápolis e Rio Verde, Conheca a entidade representativa de seu setor produtivo. Participe. Você só tem a ganhar.

profissão e ducação techologia inovação indústria



O SENAI NÃO SAI DA SUA CABEÇA. NÃO DÁ PARA ESQUECER O QUE FAZ DIFERENÇA NO SEU FUTURO.

Se você não se esquece dos cursos profissionalizantes do Senai, é porque sabe tudo que envolve o propósito da instituição:

formar profissionais capacitados para inovar a indústria, fazendo a diferença no seu futuro.

Senai: há 12 anos a escola de cursos profissionalizantes mais lembrada do Pop List.



Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
PELO FUTURO DO TRABALHO



CASES RECENTES DE SUCESSO





www.projeto.ecn.br